



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

KAREN ALVES DOMINGOS

**Autoria negra feminina na construção da identidade de Carolina
Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria***

GOIÂNIA-GO

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[] Dissertação [] Tese [] Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Karen Alves Domingos

3. Título do trabalho

AUTORIA NEGRA FEMININA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **KAREN ALVES DOMINGOS, Discente**, em 07/10/2022, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, Professora do Magistério Superior**, em 10/10/2022, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3249546** e o código CRC **DOBE83B9**.

Referência: Processo nº 23070.045467/2022-74

SEI nº 3249546

KAREN ALVES DOMINGOS

**Autoria negra feminina na construção da identidade de Carolina
Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos literários.

L.P. 2: Literatura Comparada e Estudos culturais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Larissa Warzocha
Fernandes Cruvinel

GOIÂNIA-GO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Domingos, Karen Alves

Autoria negra feminina na construção da identidade de Carolina Maria de Jesus em Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria [manuscrito] / Karen Alves Domingos. - 2022.

XCV, 95 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Autoria negra feminina. 2. Carolina Maria de Jesus. 3. Identidade. I. Cruvinel, Larissa Warzocha Fernandes, orient. II. Título.

CDU 82.091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **27** da sessão de defesa de dissertação de **Karen Alves Domingos** que confere o título de **Mestra** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Literários

Aos **seis** dias do mês de **setembro** do ano de **dois mil e vinte e dois**, a partir das **quatorze** horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**AUTORIA NEGRA FEMININA E IDENTIDADE, UM OLHAR SOBRE QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, **Profa. Dra. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende** (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno e **Profa. Dra. Luciana Borges** (UFCAT), membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **seis** dias do mês de **setembro** do ano de **dois mil e vinte e dois**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

AUTORIA NEGRA FEMININA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA.



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, Professora do Magistério Superior**, em 06/09/2022, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Ferreira Rezende, Professor do Magistério Superior**, em 06/09/2022, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Borges, Professora do Magistério Superior**, em 19/09/2022, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3169859** e o código CRC **6CC23906**.

Referência: Processo nº 23070.045467/2022-74

SEI nº 3169859

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: A MULTIPLICIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS | 13 |
| <i>1.1 O Feminismo e o Feminismo Negro</i> | 19 |
| <i>1.2 Carolina Maria de Jesus e o feminismo negro</i> | 22 |
| <i>1.3 O feminismo negro no Brasil</i> | 25 |
| <i>1.4 Literatura negro-brasileira</i> | 33 |
| 2. A IDENTIDADE DA NARRADORA EM <i>QUARTO DE DESPEJO</i> | 46 |
| <i>2.1 A busca identitária de Carolina Maria de Jesus em Quarto de despejo</i> | 52 |
| <i>2.2 A multiplicidade dos papéis de Carolina Maria de Jesus</i> | 57 |
| 3. A IDENTIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM <i>CASA DE ALVENARIA</i> | 64 |
| <i>3.1 Carolina Maria de Jesus e sua identidade artística</i> | 66 |
| <i>3.2 Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria</i> | 70 |
| <i>3.3 Casa de Alvenaria e identidade</i> | 79 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 92 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Figura 01- Carolina com seus “tesouros” | 12 |
| Figura 02 – Carolina no interior do seu barraco | 12 |
| Figura 03- Carolina sentada na porta do seu barraco | 18 |
| Figura 04 – Carolina ouvindo suas telenovelas | 18 |
| Figura 05 - Carolina autografando seu livro | 43 |
| Figura 06 – Carolina ao lado do ministro do trabalho | 44 |
| Figura 07 – Cartaz colocada na entrada da livraria Francisco Alves diante de uma multidão que foi pegar o autógrafo de Carolina | 43 |
| Figura 08 – Carolina num flagrante em uma rua da favela | 56 |
| Figura 09 – Uma das últimas fotografias de Carolina na favela do Canindé | 62 |
| Figura 10 – Parte das traduções de <i>Quarto de despejo</i> | 63 |
| Figura 11 – Carolina na casa de alvenaria | 78 |

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois nos momentos de angústia e cansaço enchia-me de coragem e força.

À minha orientadora, Dr^a. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, por toda compreensão, paciência e contribuição com o meu trabalho.

À professora, Dr^a. Luciana Borges pelas contribuições e indicações de leituras de vozes negras para minha dissertação.

À professora, Dr^a. Renata Rocha Ribeiro, por sua significativa contribuição na primeira etapa desse trabalho.

À professora, Dr^a. Tânia Ferreira Rezende, por aceitar e participar deste trabalho.

À professora, Dr^a. Fabiana Souza Valadão de Castro Macena, que foi quem me apresentou Carolina Maria de Jesus durante a graduação e juntas criamos laços fortes de respeito e admiração.

À Universidade Federal de Goiás pelo ensino público de qualidade.

Aos meus pais, Silvio e Sandra, que nunca mediram esforços para me ajudar a traçar os caminhos que me fizeram chegar até aqui.

Ao meu marido, José Ricardo, pelo apoio e fé em mim, pois mesmo quando eu acreditava que não conseguiria sempre me encorajou a prosseguir.

Ao Centro Educacional Presbiteriano Margarida Pittman, pelo apoio quando precisei ausentar-me da escola para atender as demandas do mestrado.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as obras *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus, tendo em vista a busca identitária da protagonista dos dois romances. A natureza da pesquisa é bibliográfica, tendo como foco, principalmente, os estudos sobre construção identitária e o feminismo negro. Nesse sentido, abordaremos a intersecção da identidade de Carolina Maria de Jesus que é constituída a partir de uma visão que envolve seu gênero, sua cor e a classe social a qual pertencia. Em *Quarto de despejo* (1960), há uma busca incessante da narradora-personagem pelo reconhecimento do público e em se autoafirmar como escritora para sair de seu “quarto de despejo”. Dessa maneira, a autora utiliza sua voz como denúncia social ao abordar na obra as questões sociais em que ela e outros de seu grupo estavam inseridos. Interessa-nos problematizar também as mudanças que ocorrem com a protagonista de uma obra a outra e como se dá a construção de sua identidade nas duas narrativas selecionadas. Assim, em *Casa de alvenaria* (1961), a narradora relata suas insatisfações após a publicação de sua primeira obra e observamos que o *status* literário da personagem-autora, por ser negra, mãe-mulher e favelada, é algo que dificulta sua inserção no sistema letrado e se transforma em sentença negativa sobre sua autoria. Carolina Maria de Jesus é o símbolo da importância da escrita como possibilidade de projeção para os grupos que foram, social e culturalmente, por séculos, silenciados. Para a fundamentação do trabalho, foram convocados os estudos de Ciampa (1987), Hall (2015), Davis (2016), Gonzales (2019), Mota (2011), entre outros.

Palavras-chave: Autoria negra feminina, Carolina Maria de Jesus, Identidade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the books *Quarto de despejo* (1960) and *Casa de Alvenaria* (1961) by Carolina Maria de Jesus, seeking to reflect on the identity search of the protagonist of the two novels. The nature of the research is bibliographical, focusing mainly on studies on identity construction and black feminism. In this regard, we will draw parallels on how the identity of Carolina Maria de Jesus is constituted from a vision that involves her gender, her color and the social class she belonged. In *Quarto de despejo* (1960) there is an incessant search by the narrator-character for the recognition of the public and to assert herself as a writer to get out of that place. In this regard, the author uses her voice as a social denunciation and escapism when addressing in the work the social issues in which she and others in her groups were involved. We are also interested in problematizing the changes that occur from one work to another with the protagonist and how her identity is constructed. Thus, in *Casa de Alvenaria* (1961), the narrator reports her dissatisfaction after the publication of her first work and we observe that the literary status of the author-character, for being black, mother-woman, and a slum woman, is something that distances her from literate system and becomes a negative sentence about her authorship. Carolina Maria de Jesus is the symbol of the importance of writing as the possibility of giving projection to those who were, socially and culturally, silenced for centuries. For the work, studies were called from de Ciampa (1987), Hall (2015), Davis (2016), Gonzales (2019), Mota (2011), among others.

Key words: Black female writing, Carolina Maria de Jesus, Identity

INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus foi mulher-negra, pobre, favelada, mãe e escritora. Como escritora foi para além de seus diários e compunha marchinhas, sambas e Romances. Foi também ativista política e protagonista do feminismo negro brasileiro. Ela publicou seu primeiro livro, *Quarto de despejo*, em 1960, no qual contava/denunciava suas mazelas e a de seus vizinhos que, como ela, moravam na favela do Canindé, na cidade de São Paulo.

Na literatura de Carolina Maria de Jesus é possível perceber os obstáculos pelos quais a escritora teve que passar até conseguir a publicação de seus livros. A luta que ela enfrentou foi durante muito tempo a luta também de outras mulheres que buscavam sua liberdade sem medo de sua identidade ou raça. Ainda que a escritora tenha enfrentado muitos obstáculos para ser reconhecida, é importante relembrar o caminho que suas irmãs¹, mulheres escritoras negras como ela, trilharam e abriram para que outras se fizessem ouvidas e reconhecidas.

Neste trabalho, iremos investigar como a identidade de Carolina Maria de Jesus é construída na intersecção entre classe, gênero e cor. Suas obras *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria* (1961) marcam ciclos da vida da autora. Quando foi reconhecida como escritora, deixou a favela do Canindé, em São Paulo, para morar em uma casa mais confortável, primeiro no bairro de Santana e depois em Parelheiros. A escrita literária fez com que ela tivesse visibilidade e pudesse divulgar sua experiência como moradora da favela. No entanto, os direitos autorais não proporcionaram financeiramente a vida tranquila que ela desejava.

As obras de Carolina Maria de Jesus têm alcançado novos horizontes, visto que as discussões sobre gênero, raça e cor têm tomado maiores proporções na contemporaneidade. Consequentemente, todos esses temas tocam a vida de Carolina Maria de Jesus que escreveu uma obra literária relevante, que não pode cair no esquecimento. Nesse sentido, é salutar que os estudos acadêmicos se debruçam sobre a obra de escritores de grupos que estão à margem da sociedade para compreenderem melhor como se delineiam suas escritas.

Enquanto em *Quarto de despejo* Carolina Maria de Jesus esforça-se para ser conhecida como alguém que escreve e faz parte do sistema letrado e usa a escrita como espaço para mostrar ao mundo suas angústias e sonhos, em *Casa de alvenaria* podemos contemplar e conhecer Carolina Maria de Jesus de fato autora publicada e disputada entre os donos de livraria, televisão e rádio, uma mulher que sai da favela e muda-se para sua tão sonhada casa fora da favela. No

¹ Usaremos o termo “irmãs” durante o texto como uma ideia de sororidade entre a comunidade negra, termo que é usado por Davis (2016) ao falar sobre a luta das mulheres negras.

entanto, percebemos que aquela vida tão almejada não é o que Carolina Maria de Jesus esperava e ela se encontra mais uma vez à deriva do espaço letrado.

Os motivos que fizeram com que a vida de Carolina Maria de Jesus, mesmo após seu sucesso, não ser o que ela almejava, nos faz refletir sobre aspectos que permeavam e construía o sistema literário, assim como sua identidade, marcada pela escrita literária, a pobreza, a vontade de sair da favela. A escritora queria a calma de sua vida na nova casa, no novo espaço que alcançou, como Tom Farias relata na biografia da escritora: “Animada com a concretização de um dos seus maiores sonhos, que era ter a sua casa própria, seu cantinho, como acalentava desde quando deixou a distante Sacramento, num giro pela cidade, Carolina comprou móveis novos e utensílios para ornamentar a casa.” (FARIAS, p. 272, 2018)

Até ser reconhecida como escritora por um editor de fora da favela, Carolina Maria de Jesus teve que passar por diversos entraves, como a fome e a falta de escolaridade. A história da escritora é marcada por dificuldades e invisibilidade, por isso ela tinha tanta vontade de mudar de vida usando a literatura como trampolim que a lançaria a espaços ainda desconhecidos.

Ela queria ir além daquilo que foi imposto para quem, como ela, era socialmente marginalizado. Mãe, negra, moradora da favela, Carolina Maria de Jesus estava à procura do seu lugar no mundo e de se sentir parte dele, pois a autora sentia-se invisível e gostaria de mais, como é possível perceber em seu diário:

5 de julho... Levantei 2 horas, fiquei lendo. Pensando na minha vida que está transformando-se. — Enfim vou ter uma casinha e um terreno para findar os meus dias. Vou plantar flores, criar galinhas, e assim vou ter um músico para cantar de madrugada: o seu có-có-ro-có! (JESUS, p.29, 1961)

Leitora voraz², Carolina Maria de Jesus começou a escrever porque amava se dedicar à escritura. Em *Quarto de despejo*, a autora traz muitas declarações sobre seu desejo de escrever e enaltece esse amor pela literatura: “[...] um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita para escreve. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para meu ideal” (JESUS, 1995, p.44).

² Farias (2018) conta que o primeiro livro lido por Carolina Maria de Jesus foi *A escrava Isaura (1875)*. A escritora ficou arrebatada pela leitura de maneira surpreendente, pois não queria largar o romance de maneira alguma. A obra de Bernardo Guimarães foi a porta de entrada para as outras leituras que a autora faria.

O sentimento genuíno pela leitura que a escritora adquirira no decorrer de sua vida assumia os contornos de um escape, visto que era o meio pelo qual ela projetava seus sonhos de se ver livre de toda pobreza que a cercava e da sentença que já havia sido traçada para sua vida: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (JESUS, 1995, p.25). Dessa forma, dois grandes elementos se fundem na paixão que Carolina Maria de Jesus tinha pela literatura: a vontade de ser escritora e a transformação de vida, do ponto de vista financeiro, por meio da publicação de seus livros.

Essa força interior que a impulsionava é tema recorrente em sua escrita, tanto em *Quarto de despejo* (1995) como em *Casa de Alvenaria* (1961), como pode ser observado nos trechos: “Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.” (JESUS, 1995, p. 10); “Um jornalista desceu para telefonar. Um senhor que nos olhava perguntou: — Isso é despejo? — Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo. Sorri achando graça na coincidência. Eu não estava triste.” (JESUS, 1961, p. 47). Nas duas passagens constatamos o sonho e sua realização, Carolina Maria de Jesus transitando entre os dois espaços que tanto marcaram sua vida.

A escritora conseguiu alcançar determinados lugares dentro do ambiente letrado, pois sua obra foi publicada e, devido a isso, viu a sua vida mudar de rota por algo que ela tanto almejava. No entanto, este título de escritora foi bastante discutido entre aqueles que obtinham um lugar privilegiado dentro do cenário literário e a partir de então houve uma tentativa de diminuir seu espaço e suas conquistas. Como é possível observar, a carreira literária da escritora é permeada de impasses. Neste trabalho, pretendemos nos ater ao modo como a narradora pensa sua identidade envolta no sistema literário em *Quarto de Despejo* e em *Casa de Alvenaria*.

Tendo em vista a análise de como é construída a identidade da narradora de obra a obra, o primeiro capítulo desta dissertação compreende que a identidade é constituída por forças coletivas, de modo que serão investigadas as intersecções que atravessam a vida de Carolina Maria de Jesus e as questões de cor, raça e gênero que constituem as obras da escritora, uma vez que há esse cruzamento entre sua identidade e o meio social em que estava inserida, o que também é refletido em sua escrita, sendo assim, há uma multiplicidade que perpassa a identidade de Carolina Maria de Jesus, ela é constituída a partir das características que a formam como indivíduo. Como base crítico-teórica, serão convocados os estudos de Davis (2016), Carneiro (2019), Gonzales (2019), Rodrigues e Freitas (2021), Dalcastagnè (2012), entre outros.

No segundo capítulo, serão abordadas, de maneira mais profunda, as questões de identidade em *Quarto de despejo*, analisando como as intersecções que fazem parte da vida de

Carolina Maria de Jesus influenciam na construção de sua identidade. Assim, serão problematizados seus relatos que demonstram sua visão sobre seus vizinhos, filhos, políticos, relacionamentos e sobre ela mesma. Para aprofundarmos nossa visão sobre identidade recorreremos, principalmente, aos estudos de Ciampa (1985), Hall (2015), Santos (2015).

No terceiro capítulo, analisaremos como a formação identitária da autora é construída na obra *Casa de alvenaria*, uma vez que há uma mudança na vida de Carolina Maria de Jesus relatada em seu livro. A escritora sai do seu quarto de despejo e chega ao seu lugar almejado, uma casa fora da favela. A mudança de vida tão esperada, no entanto, é atravessada pelas marcas das intersecções de Carolina Maria de Jesus que a impediram naquele tempo de aproveitar plenamente seu momento, como relata em *Casa de Alvenaria* (1961, P. 63): “...Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo – os filhos abluíram-se – Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?”

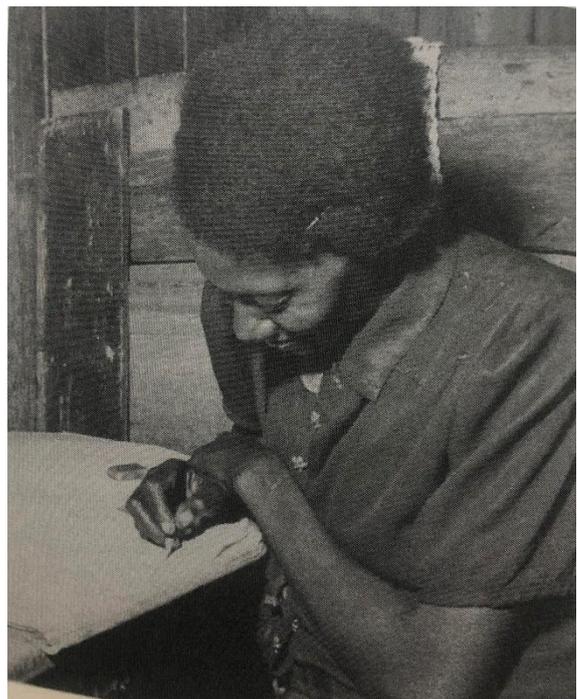
Carolina Maria de Jesus é a representação da história e luta de um povo que não se limita aquilo que lhe foi prescrito por uma sociedade hegemônica, dominada por sujeitos brancos, principalmente homens. Ela foi capaz de reescrever sua história e inspirar muitas outras, quebrando barreiras e abrindo portas para que fosse vista e ouvida.

FIGURA 1- Carolina com seus “tesouros”, como ela chamava seus livros, na cama do seu barraco na favela



Fonte: Farias (2018, p.352)

FIGURA 2- Carolina no interior do seu barraco numa pose que mostra como praticava o exercício de escrever.



Fonte: Farias (2018, p.183)

CAPÍTULO I

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: FRAGMENTAÇÃO E MULTIPLICIDADE

A identidade é parte do ser humano é a partir dela que podemos compreender o mundo particular de cada indivíduo. Nossa identidade é construída a partir das relações que estabelecemos, dos locais que frequentamos e até mesmo da família onde nascemos, isso significa que a identidade é formada a partir de diferentes contatos exteriores com o mundo a nossa volta. Esse é também um pressuposto do psicólogo Antonio Ciampa, que em seus trabalhos entende a identidade como consequência das relações entre os indivíduos.

Dessa maneira, interessa-nos investigar a vida e história de Carolina Maria de Jesus para entendermos como sua identidade tem relação com o lugar no qual vivia, assim como para problematizar como, mesmo morando na Favela do Canindé, a autora tinha uma visão diferente de pertencimento, acreditava que aquele não era o espaço que queria ocupar.

Stuart Hall entende que as identidades são fragmentadas na modernidade, ou seja, um indivíduo pode apresentar diferentes identidades, transformando-as por vezes em contraditórias ou não resolvidas e que “mediada pelo mercado global mais as identidades se tornam desvinculadas de lugares, tempos, histórias, e tradições e há assim, uma “homogeneização cultural” (HALL, 2011)

Hall (2006), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, apresenta-nos três concepções diferentes de identidade: Sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Para o estudioso, o sujeito do Iluminismo

estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele- ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2006, p.10)

Em outras palavras, nessa visão o indivíduo permanece sempre da mesma maneira, isto é, o sujeito não é afetado pela cultura exterior, pelo espaço e pelas demais pessoas que a cerca, nascia com sua identidade e ela não se transformava apesar das mudanças que poderiam acontecer ao seu redor, sua identidade não era capaz de ser afetada e nem transformada.

O conceito de sujeito sociológico surgiu a partir das relações do mundo moderno e aqui o outro e as relações exteriores são levados em conta na constituição do sujeito: “De acordo

com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.10)

O sujeito pós-moderno reúne em si as mudanças dessas outras duas formas de se pensar as identidades, isto é, não há mais uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006). A identidade é performática e se transforma a partir do contexto e lugar no qual o indivíduo está inserido, o que pode gerar até mesmo contradições, visto que o sujeito “muda” dependendo do lugar, pessoas e cultura: O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2016, p.13). Esse sujeito está inserido no mundo globalizado onde há muita troca de informações, acesso a diferentes culturas em diferentes lugares do mundo e isso faz com que os indivíduos se comportem de maneiras diversas e assumam diferentes papéis na sociedade. Assim, a concepção de sujeito não mais fica preso a sua essência, mas dá lugar a mudança a partir do contato com o outro.

Dessa maneira, as identidades são formadas a partir do discurso e são constituídas em locais específicos que refletem o pensamento daquele lugar e tempo. Lara Gabriella Alves dos Santos (2015), amparada por (HALL, 2011, p.109) aponta que: “as identidades emergem no interior do jogo de poder e são, assim, mais que produto da marcação da diferença e da exclusão. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas impõem para nós.”

Ciampa também desenvolveu sua teoria sobre a identidade em 1987 ao defender sua tese de doutorado, publicada no livro *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. O estudioso pondera que a identidade é constituída a partir da relação do sujeito com a sociedade. Dessa forma, o estudioso pensa a individualidade frente aos grupos sociais, ou seja, embora façamos parte de grupos, construímos nossa identidade e ao mesmo tempo somos carregados por ela. Lara Gabriella Alves dos Santos menciona que: “O sujeito enfocado por Ciampa em seus estudos sobre a identidade buscava formas de se emancipar da opressão.” (SANTOS, 2017, p. 3).

Ao trazer em seus trabalhos uma concepção de identidade formada a partir dos grupos sociais, e como os grupos a que pertencemos marcam nossa identidade, no entanto, não nos define, percebemos em *Quarto de despejo* os indícios dessa perspectiva, já que Carolina Maria de Jesus tinha consciência de que aquele lugar não era seu e, portanto, poderia dispersar-se daquela realidade. Nesse sentido, Nadir Lara e Andrea Lara (2017, p. 2) ponderam que “Ciampa abre um pressuposto importante para dizer que a pessoa em sua história de vida, mesmo diante

da pobreza e da violência, não se rende ou se entrega facilmente às adversidades.”, mostrando que a identidade é constituída para além das condições pré-estabelecidas aos sujeitos.

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus tinha consciência de sua identidade como mulher negra na sociedade e entendendo as dores que é ser uma mulher negra declara: “Enfim o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações.” (JESUS, 1995, p. 63)

Santos (2015) cita que, para Ciampa, a constituição da identidade ocorre a partir de uma dinâmica que envolve os níveis pessoal, intraindividual e interindividual. O nível pessoal é marcado pelos processos biológicos, pela corporeidade. O nível intraindividual envolve a consciência e a atividade do indivíduo. Já o nível interindividual abarca as relações entre indivíduo e grupos. Essa totalidade, que está em constante movimento, envolve relações de oposição e “com-posição” entre elementos subjetivos (fatores biológicos e psicológicos que se manifestam na consciência e comportamento dos indivíduos) e objetivos (elementos sociais, econômicos, políticos e culturais que marcam a historicidade dos indivíduos em sua biografia pessoal e enquanto membros de grupos sociais). Esse movimento ocorre paralelamente em duas instâncias: a identidade individual e a identidade coletiva, não havendo possibilidade de dicotomia entre elas, sendo, portanto, apropriada a denominação de “identidade psicossocial”.

Sendo assim, a construção da identidade marca todas as áreas da vida do sujeito e são de suas relações sociais que sua identidade vai sendo formada, mudada e aprimorada. Além disso,

cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal: uma história de vida, um projeto, uma vida que nem sempre é vivida no emaranhado das relações sociais. Para ele, uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia e, em seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma, por ela. (SANTOS, 2015, p. 64)

Para Ciampa, a identidade é resultado dos relacionamentos dos indivíduos, como também das circunstâncias nos quais os relacionamentos estão envolvidos, de modo que a identidade é reflexo de cada momento.

Segundo Wonsoski e Domingues (1984 apud CIAMPA, 2015 p. 74) mostram que que

É nesse sentido que Ciampa (2007) propõe que a identidade é reposta a cada momento. Assim, ressalta que a identidade não é algo pronto, acabado e atemporal como muitos consideram ser, e sim, algo que está em um contínuo

processo, em um dar-se constante. “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (WONSOSKI e DOMINGUES, 2015, p. 3).

Dessa forma, para Ciampa, identidade é diferença e igualdade, uma vez que há questões que nos diferenciam, como também nos igualam. Além disso, o estudioso pondera que possuímos diferentes identidades e estas são usadas em diferentes momentos. É pelo modo de agir que nos tornamos algo, aquilo que fazemos dita quem nós somos e aquilo que fazemos acaba nos moldando.

Ciampa parte da premissa de que a identidade é constituída pela metamorfose e não há uma fragmentação, mas sim uma transformação do eu, uma busca pela mudança dentro dos papéis que são socialmente impostos aos sujeitos. Santos (2015, p. 48) parte dos postulados do psicólogo social para considerar que

ao apresentar a ideia de que a identidade sempre é metamorfose, de que o problema na discussão acerca da identidade estaria em não se contemplar esse fato anteriormente, ou seja, que as identidades não estariam, cada vez mais, fragmentadas em uma modernidade tardia, mas sempre seriam a expressão de uma infinidade de personagens, irreduzíveis aos papéis impostos socialmente, extraindo aí sua força e sua possibilidade de transformação.

Diante disso, analisar a identidade de Carolina Maria de Jesus é uma tarefa complexa e densa, frente aos diferentes papéis que ela desenvolve em sociedade. De acordo com Santos e Borges, a

autora em sua literatura nos mostra e apresenta uma imagem que é síntese de si, a imagem que tem dela própria e daqueles que compartilhavam de sua mesma condição, ou seja, indivíduos que como ela habitava na extinta favela do Canindé na cidade de São Paulo ou viviam em condições de subalteridade na sociedade brasileira. Sua expressão literária é um relato do cotidiano direto e cruel no qual se constrói uma representação forte e única da dinâmica social urbana, vista por aqueles que foram lançados à margem. (SANTOS; BORGES, 2013, p.4)

Na obra de Carolina Maria de Jesus contemplamos as diversas identidades da autora, mãe, escritora e mulher são marcadas pelo contexto social no qual ela estava inserida, porém ela buscava fora das suas relações pessoais uma nova identidade: ser escritora. Santos (2015, p.48) considera que

Na obra de Carolina, a realidade é criada e recriada pela autora, que interage cotidianamente com outros personagens e esses vão se constituindo no universo da favela, tornando-os, também, autores e não somente personagens da própria história. Estes modos de produção caracterizam a identidade como

articulação de várias personagens, configurando a igualdade e a diferença, a própria metamorfose. Como autores de nossa história, necessitamos de personagens para representar e nos concretizar através da metamorfose, da relação com os vários papéis que assumimos (SANTOS,2015, p.48)

A identidade de Carolina Maria de Jesus constituída por diferentes papéis revela um sujeito marcado pelos problemas sociais da época que refletem ainda nos grupos de hoje. Nesse sentido, a questão da identidade é “sobretudo, uma questão social, uma questão política. As narrativas de Q. D³ traduzem o real movimento da identidade, uma dialética que permite aos leitores do diário desvelar seu caráter de metamorfose.” (SANTOS, 2015, p.63).

Ainda que Carolina Maria de Jesus idealizasse sua identidade na comunidade letrada, ela tinha clareza em relação às restrições de espaço ocasionadas por sua cor, raça e gênero: “... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 1995, p.147). Esse fragmento revela a consciência da identidade que Carolina de Jesus tinha em relação a cor e raça: ela utiliza o vocábulo preto como sinônimo de dor e sofrimento e isso é revelado também no lugar que ela vive. Carolina de Jesus percebe raça de forma marcada pelo lugar/espaço e pelo corpo. Dessa maneira, para Neusa Santos (1982), Patrícia Hill Collins (2019), Lélia Gonzalez (2020), Maria Aparecida Bento (2020), “ser negra” é uma categoria sociopolítica sistêmica, construída nas tensões das relações de poder, à medida que “identidade” é um pressuposto ou ainda uma premissa que individualiza a percepção do ser e a luta.

Nesse sentido, tendo em vista que a constituição identitária é complexa, fragmentária e muitas vezes até mesmo contraditória, este estudo se propõe a pensar como se dá essa construção da identidade da narradora de *Quarto de despejo* para *Casa de alvenaria*. Para isso, será importante também problematizar o feminismo, o feminismo negro e o negro na literatura brasileira como forma de compreender os impasses coletivos que marcam a obra da escritora.

³ Santos (2015) em seu trabalho usa a abreviação Q.D para se referir a obra *Quarto de despejo*.

FIGURA 3 - Carolina sentada na porta do seu barraco, tendo um dos filhos bem sorridentes à sua frente.



Fonte: Farias (2018, p.178)

FIGURA 4 - Carolina ouvindo suas telenovelas.



Fonte: Farias (2018, p. 177)

1.1 O FEMINISMO E O FEMINISMO NEGRO

A vida de Carolina Maria de Jesus é marcada pela interseccionalidade entre gênero, classe e raça. Sendo mulher, negra e pobre, ela faz parte do tripé da subalternidade (SPIVAK, 2010). Esses três elementos fazem parte da identidade de Carolina e entendemos a importância da discussão sobre como o feminismo negro foi importante para o reconhecimento de Carolina Maria de Jesus como escritora, e como protagonista no ativismo político que está na base no feminismo negro brasileiro, que antecede o feminismo negro da academia.

É a partir das inquietações vividas por Carolina Maria de Jesus que discutiremos e abordaremos o feminismo negro e como esse movimento foi importante para que vidas de mulheres negras fossem transformadas, chamando essas mulheres à luta e tornando-as protagonistas de suas histórias.

A luta por esses direitos começa com as bandeiras levantadas pelo movimento feminista a partir de 1930. Segundo Constância Lima Duarte (2019), “A bibliografia referente ao tema é, além, de limitada, fragmentada [...]” (DUARTE, 2019, p.26). No entanto, sabe-se que este movimento, inicialmente, foi dividido em três ondas.

De maneira breve podemos definir essas três ondas da seguinte maneira: na primeira onda as mulheres reivindicavam o reconhecimento dos seus direitos legais e cívicos fundamentais, como o direito ao voto, à educação, e oportunidades no mercado de trabalho, ou seja, o direito de existir e ter voz na sociedade. Tendo em vista que as decisões sobre e para mulheres eram tomadas por homens, os lugares que poderiam frequentar, os papéis que poderiam desenvolver dentro de uma comunidade eram pré-estabelecidos por aqueles que tinham voz e poder naquele tempo, por isso viu-se a necessidade de as próprias mulheres decidirem por suas vidas e isso seria feito se elas pudessem agir na sociedade.

Já a segunda onda, surgiu, pós segunda guerra mundial, e tenta reivindicar uma igualdade em todas as esferas da vida pública. Margareth Mead⁴ começa a desestabilizar as raízes da primeira onda do feminismo. Ela começa a pensar os papéis sexuais e como essa diferenciação entre homem e mulher é culturalmente produzida. A segunda onda é marcada também a partir da publicação de Simone Beauvoir, que em seu livro *O segundo sexo*, trata a ideia da dominação masculina como uma forma de poder. A dominação do patriarcado é um tema recorrente nessa segunda onda e essa opressão sofrida pela mulher dentro de um sistema patriarcal é questionada. Estudos como o de Constância Lima Duarte (2015) considera que o

⁴ O trabalho de Mead é considerado uma das pedras fundamentais para o movimento feminista e de libertação sexual modernos. Paiva (2021)

conceito de gênero surge pós segunda onda do feminismo e o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade começou a ser repensados e questionados. A estudiosa pondera que dentro dessa segunda onda as mulheres começaram a questionar a construção ideológica do gênero feminino.

Cecil Jeanine Albert Zinani (2009) pondera que a terceira onda surgiu em torno de 1990, nos Estados Unidos, e que ela “apresenta uma pauta de reivindicações mais ampla do que o grupo da Segunda Onda, uma vez que engloba “a teoria queer, a conscientização negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo”, entre outros.” (ZINANI, 2012, p. 414). Dessa forma, a terceira onda abrange de maneira mais igualitária as mulheres, visto que nas outras ondas a pauta principal se voltava para uma mulher específica branca, de uma classe social dominante.

A quarta onda é vivenciada por meio da era digital onde os sujeitos tem espaço para discussão de uma maneira mais democrática, onde todas podem usar a internet como ferramenta para ampliar suas visões e alcançar outras pessoas.

Embora não haja conformidade de opiniões, muitas feministas acadêmicas, a exemplo de Heloísa Buarque de Hollanda e Prudence Chamberlain, afirmam que o movimento feminista vive o que hoje podemos chamar de quarta onda. De acordo com Chamberlain (2017), o descritor da “onda” é relevante para entendermos esses movimentos de uma forma mais histórica e ampla, uma vez que o mesmo oferece uma noção de continuidade há mais de um século de ativismo. (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021, p. 69)

Sendo assim, a discussão sobre o feminismo continua vigente tomando proporções maiores e atingindo pessoas de todas as idades, uma vez que o acesso à internet se dá de maneira mais fácil e essas questões podem ser problematizadas de maneira mais abrangente.

Essa é a visão geral e mundial do movimento feminista, trazendo-o para mais perto de nós. No Brasil, os movimentos feministas estão intimamente imbricados com a produção literária feminina e sua emancipação. Duarte (2011), em seu trabalho, aborda essa relação trazendo uma historicização das ondas do movimento feminista que possibilitou que as mulheres exigissem seu direito à educação, ao trabalho e à existência.

A autora ainda afirma que Nísia Floresta Augusta é a mulher que se destaca dentro desse contexto do feminismo no Brasil que era marcado por séculos de silêncio. Nascida no Rio Grande do Norte, residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Sobre Nísia Floresta, Duarte (2011) afirma que:

[..] teria sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa. Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito. (DUARTE, 2011, p.153)

Ainda que o movimento feminista tenha surgido além das fronteiras brasileiras, ele ganhou espaço em nosso território por meio do protagonismo de mulheres que lutaram bravamente por seus direitos.

Já o Segundo momento do feminismo no Brasil surge por volta de 1870 e é marcado pelo grande número de revistas e jornais “nitidamente feministas” (DUARTE, 2019, p. 31), indicando um avanço na sociedade brasileira em relação à inserção da mulher no ambiente de trabalho, como também permitindo que essas mulheres pudessem falar e se fazerem ouvidas. Costância Lima Duarte (2019) ressalta que esse período pode ser enfatizado como mais jornalístico do que literário, uma vez que os jornais dirigidos por mulheres tiveram bastante importância na época. Vale aqui ressaltar o nome de alguns desses trabalhos: *O sexo feminino* dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz; *Echo das Damas* editado por Amélia Carolina da Silva Couto; *O Domingo* e o *Jornal das Damas* surgidos em 1873. Em todos os jornais supracitados têm-se como pauta a luta pela igualdade e direitos das mulheres

Inicialmente, esses movimentos tiveram que ser amparados por mulheres brancas que se uniram na tentativa de libertar e humanizar mulheres negras. Embora a atuação pública das mulheres nesse contexto era restrita, mulheres brancas gozavam de uma ‘certa liberdade’, uma vez que a mulher negra por uma questão histórica foi colocada em lugares inferiores e sua atividade pública era tolhida.

Ao relembrar a história que marca a luta das mulheres, Angela Davis (2016), em sua obra *Mulheres raça e classe*, traça um panorama dessa luta que se entrelaça na luta também de mulheres brasileiras e do mundo todo. A autora, ao repensar o lugar da mulher negra na sociedade estadunidense, mostra que “Os estudos sobre a escravidão não abarcavam a questão da mulher escrava” e como sua identidade e protagonismo poderiam ser estabelecidos dentro daquele contexto.

É com a luta do movimento feminista que questões relacionadas à mulher e aos seus direitos começaram a ser tema de discussões com o intuito de integrar a mulher na sociedade, afim de que elas se tornassem sujeitos ativos e participantes da vida pública, podendo adentrar espaços antes não conquistados como o mercado de trabalho e até mesmo a política. No entanto, no início do movimento as questões que envolviam as mulheres negras eram

desconsideradas e tomadas como menores, visto que, sob a ótica daqueles que lutavam pela liberdade e direitos, as mulheres negras eram escravas, sendo assim, não eram reconhecidos como sujeitos políticos e atuantes.

Diante dessa aclamação pelos direitos das mulheres brancas surge o terceiro momento do feminismo no Brasil no século XX que “já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho [...]” (DUARTE, 2019, p. 35). É um momento de discussão e contradição ao mesmo tempo. Duarte (2019) observa que esse período foi marcado por um movimento anarcofeminista que propunha a emancipação da mulher nos diferentes planos da vida social, apoiava a instrução da classe operária e uma sociedade libertária. Contudo, havia ainda uma discordância de vozes quanto à representatividade feminina ou o direito do voto feminino que só aconteceu em 1932 com o presidente Getúlio Vargas.

Há ainda um quarto momento que Duarte (2019) define como Revolução sexual e Literatura, afirmando que é aqui onde o movimento atinge seu momento glorioso na sociedade brasileira, fazendo com que as exigências feitas pelas mulheres do movimento feminista se tornassem direitos conquistados.

Nesse sentido, Duarte (2019, p. 42) considera que “Encontros e congressos de mulheres se sucedem, cada qual com sua especificidade de reflexão, assim como dezenas de organizações, muitas nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho.”, há um ganho de espaço e as mulheres agora podem ir além daquilo que um dia foi designado para elas. As mulheres não eram apenas mães e donas de casa, eram sujeitos políticos e ativos:

Enquanto em outros países as mulheres estavam unidas contra a discriminação sexual e pela igualdade de direitos, no Brasil, o movimento feminista teve marcas distintas e definitivas, pois a conjuntura histórica impôs que mulheres se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida. (DUARTE, 2019, p.42)

Além disso, a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto também foram agendas importantes desse período para o movimento feminista, mostrando que avanços foram feitos e concepções sobre o que é ser mulher foram mudados.

1.2. FEMINISMO NEGRO

A luta pela liberdade e voz veio antes do nascimento de Carolina Maria de Jesus. Desde os tempos em que o regime escravocrata era vigente, mulheres se reuniram e lutaram pela igualdade e liberdade. A consciência de luta era algo que já estava presente naquelas mulheres ao se depararem com as injustiças que sofriam, o que fez com que reivindicassem seus direitos.

Apesar disso, a identidade e existência da mulher negra foram por muito tempo ignoradas e depreciadas. Davis (2016, p.24) pondera que “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero”. Dessa maneira, ser uma mulher negra era sinal de invisibilidade e trabalho árduo.

Ainda que Davis (2016) estivesse falando de um tempo diferente do de Carolina Maria de Jesus, é possível perceber a partir da leitura de *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* como essa invisibilidade se dava na vida da escritora e como esta teve que enfrentar muitas dificuldades para que fosse ouvida e conhecida: “Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando sua sintonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. (JESUS, p.30,1995). A realidade das pessoas negras, sobretudo das mulheres negras, na favela, é a atualização, a reconfiguração da vida na senzala. Carolina de Jesus nas ruas, na lida da catação, é a atualização das Carolinas nas lidas diárias, nos eitos, nas plantations e nas minas.

No trecho abaixo Carolina Maria de Jesus fala das dores dos moradores da favela, como também exalta aqueles que percebem como um herói a ela e aos seus vizinhos. Embora ela denunciasse em seu diário o descaso que ela e os moradores da favela viviam, era preciso que alguém com “autoridade” afirmasse aquilo que ela já sabia e revelava nas páginas de seu livro:

Quando iniciou o debate o escritor Fernando Goes foi o primeiro a falar. Disse que a verba de um favelado não dá para êle viver numa casa condigna. (...) Falou o vereador Italo Fitipaldi e um médico que disse que a favela é o núcleo das enfermidades. [...] Não sei se foi para agradar que o diretor do serviço social disse que a mulher na favela precisa ter um padrão de vida com mais conforto. (...) Dei graças a Deus quando o Padre Comaru debateu e descreveu o abandono dos poderes públicos, que não reajustam os desafortunados, obrigando-os a estudar e aprender ofícios. (JESUS, 1961, p.43)

Os trechos aqui retirados são, respectivamente, de *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria*, em ambos podemos constatar as condições de miséria e descaso a que os moradores da favela eram submetidos. No segundo trecho, Carolina Maria de Jesus escreve sobre um

episódio no qual participou de uma mesa redonda com os “intelectuais”, como ela própria descreveu. No entanto, percebemos que há pessoas falando por Carolina Maria de Jesus, reforçando o que ela já havia dito como tentativa de legitimar a fala e o próprio livro que a escritora havia escrito, ela, suas palavras por si só não bastavam.

Dessa maneira, percebemos que para além das discussões de Davis, que retratam o início da luta negra feminista (2016), entendemos que os direitos de pessoas negras, mesmo após anos de lutas pela liberdade e igualdade, ainda não foram conquistados de maneira integral.

Angela Davis argumenta que para as mulheres negras suas condições de trabalho eram equiparadas a zero e suas vontades e identidades simplesmente eram surrupiadas, nem mesmo sua maternidade poderia ser vivida, pois para os senhores de escravos os filhos dessas mulheres eram produtos que poderiam ser vendidos e traficados a fim de obterem lucro sobre a humanidade do outro: “as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque ‘crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais’”. (DAVIS, 2016 P.26).

Carolina Maria de Jesus também lutou por esse direito de ser mãe, lutava bravamente para que seus filhos estivessem bem e longe de todo perigo que o lugar onde ela morava poderia oferecer a eles, como podemos observar nos excertos: “[...] E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.” (JESUS, 1995, P. 10), “Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los.” (JESUS, 1995, p. 14), “Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres.” (JESUS, 1995, p. 36), “[...] Eu ponho o saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.” (JESUS, 1995 P. 19). A autora tensiona caridade cristã e políticas públicas e expõe o cinismo do Estado diante da pobreza que o mesmo Estado alimenta. Esse tensionamento – caridade cristã e políticas públicas de Estado – é muito importante e significativo em toda a sua obra.

É nítido que o espaço e tempo são diferentes entre Carolina e as primeiras mulheres a lutarem pelos seus direitos, contudo é uma luta que reverberou e reverbera até hoje. Para a mulher negra até o mesmo o ato de ser mãe lhe era tolhido, não podia viver a maternidade na prática, era obrigada a cuidar dos filhos de suas senhoras. Dessa forma, a identidade de mãe era forçadamente inibida. Percebe-se que o apagamento da identidade de pessoas negras era uma

estratégia para que estas não fossem enxergadas e tratadas apenas como mão de obra, um objeto ao qual não sentia dor, amor, e não era passível de compreensão.

Nesse sentido, como a mulher negra poderia construir seu caminho e fugir da dominação? Angela Davis, ao retomar a história da escravidão no Estados Unidos, nos mostra que muitos homens e mulheres negros resistiam aos açoites dos seus senhores, mas também “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais.” (DAVIS, 2016, p. 37). Ainda que relatos como estes estejam em séculos diferentes, é possível perceber que ainda hoje o conhecimento, a língua, o pertencimento a um ambiente acadêmico podem ser sinônimo de privilégio e prestígio social.

Carolina Maria de Jesus também já sabia disso. Por estar à margem da sociedade teve pouco acesso à educação. Seus primeiros contatos com o ambiente escolar foram intermediados por Maria Leite, uma mulher rica e importante na cidade de Sacramento, uma senhora para quem a Mãe de Carolina Maria de Jesus trabalhava. Segundo Farias (2018, p.46), “Carolina conta que Maria Leite, que tinha um defeito em uma das vistas, que parecia estar sempre fechada, gostava muito de ajudar os pobres, principalmente os pretos. Por causa dela, muitas crianças negras foram para a escola.” Foi só a partir dessa intervenção que Carolina Maria de Jesus teve a possibilidade de ir à escola.

Percebe-se então que a história de Carolina Maria de Jesus é entrelaçada por marcas de invisibilidade que poderiam a levar a um lugar de esquecimento, sua identidade é atravessada por sua construção histórica, mas ela também acreditava que uma forma de resistência era o conhecimento, era saber ler e escrever.

Nesse sentido, havia uma consciência tanto de Carolina Maria de Jesus, como daqueles que estavam sob o regime de escravidão que a língua e o conhecimento teriam o poder de legitimar as falas e torná-las reconhecidas. Séculos e hemisférios separam essas histórias, no entanto as marcas do preconceito e da invisibilidade são perceptíveis em ambas. O lugar da mulher negra, mãe e de classe social baixa ainda é contestado e inviabilizado.

Os primeiros passos dados para mudar essa situação foi a partir da união entre mulheres brancas de classe média e de mulheres negras. Davis nos diz que

O movimento antiescravagista oferecia às mulheres de classe média uma oportunidade de provar seu valor de acordo com parâmetros que não estavam ligados a seus papéis como esposas e mães. Nesse sentido, a campanha abolicionista era um espaço em que elas poderiam ser valorizadas por seu trabalho concreto. (DAVIS, 2016, p. 55)

Para as mulheres brancas, a luta pela libertação de suas irmãs era também uma maneira de se sentirem sujeitos atuantes, visto que nesse contexto às mulheres apenas os papéis de mães e esposas eram reservados, papéis estes negados às mulheres negras. Também oprimidas e sem voz, sentiram que se juntassem suas forças poderiam trabalhar no respeito pela multiplicidade do feminino branco e de classe social afortunada.

A educação era um meio pelo qual essas mulheres buscavam serem reconhecidas. Prudence Crandall foi a primeira professora a aceitar uma aluna negra na cidade de Canterbury, Connecticut. Ela era aliada a Sociedade Antiescravagista Feminina, as mulheres pertencentes a estes movimentos perceberam que estabelecer vínculos entre os dois grupos oprimidos seria uma maneira de libertação para os dois:

A defesa inabalável de Prudence Crandall do direito de pessoas negras à educação foi um exemplo dramático – e mais poderoso do que se poderia imaginar – para as mulheres brancas que sofriam as dores do parto da conscientização política. De forma lúcida e eloquente, as ações de Crandall falavam sobre as vastas possibilidades de libertação caso as mulheres brancas, em massa, dessem as mãos a suas irmãs negras. (DAVIS, p.53, 2016)

Dessa maneira, a luta pelos direitos das mulheres é igualmente ligada à abolição. Isso porque foi dedicando-se ao movimento abolicionista que as mulheres brancas puderam ver de mais perto como era essa opressão e conseqüentemente também perceberam seu lugar de sujeição.

1.3 O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL

O movimento sufragista⁵ visibilizava e reivindicava a participação ativa das mulheres na política. Lutando pelo direito ao voto feminino, buscavam esse poder tanto para votarem como para serem votadas.

Embora o movimento abarcasse também em suas questões a abolição da escravatura, ele não contemplava os direitos de homens e mulheres negras. Ainda que se compadecessem do sofrimento das mulheres negras ainda não as reconheciam como sujeitos atuantes e políticos. Ter liberdade? Tudo bem. Ter voz ativa? Não é para tanto.

Angela Davis, em seu célebre livro *Mulheres, raça e classe* (2016), trata das questões que permeavam a vida de mulheres negras durante o período da escravidão, e também aborda

⁵ O movimento sufragista foi um vasto movimento ocorrido entre o fim do século XIX e o início do século XX, tinha por objetivo lutar pelo direito das mulheres ao voto.

como, apesar da luta para liberdade das escravas, o racismo ainda imperava sobre as mulheres brancas que foram a frente dessa luta.

A desumanização desse grupo de pessoas abriu precedentes que reverberam ainda nos dias atuais. Davis (2016, p. 24) afirma que “O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão.”, de modo que ações que aconteceram há séculos ainda são uma verdade para muitas mulheres negras.

Este era o legado da escravidão que perpetua até hoje nas classes mais pobres. Desta maneira, classe e raça são fatores determinantes na construção ideológica de supremacia, com a predominância de homens, brancos e de classe média que detém o poder e oprimem aqueles que não se classificam nestes adjetivos. Desse modo, para a mulher, negra e pobre se fazer ouvida, reconhecida foi necessária uma incessante luta travada ainda hoje contra os ideais colonizadores.

As primeiras feministas que deram os primeiros passos pela busca de terem seus direitos reconhecidos tiveram uma busca incansável e procuravam batalhar por toda uma classe. Enraizadas com os ideais ideológicos de supremacia branca, se viram em um dilema e erraram em desprezarem e concordarem com as ideias de classe hegemônica estabelecidas até então. Segundo Davis

[...]e outras mulheres acreditavam que, como a emancipação havia, a seus olhos, “igualado” a população negra às mulheres brancas, o voto tornaria os homens negros superiores a elas. Por isso, se opunham ferrenhamente ao sufrágio negro. Ainda assim, havia quem entendesse que a abolição da escravatura não extinguiu a opressão econômica sobre a população negra, que, portanto, necessitava particular e urgentemente de poder político. (DAVIS, p.85, 2016)

Pensar que o direito ao voto, o direito de exercer sua cidadania poderia tornar os homens negros superiores às mulheres brancas é problemático se levarmos em conta o espaço concedido às pessoas negras e a maneira que o racismo era disseminado na sociedade americana do século XIX.

Trazendo essa discussão para mais perto de nós e para perto de Carolina Maria de Jesus, temos uma mulher negra, pobre e mãe solteira, saindo da cidade de Sacramento em Minas Gerais que segundo Farias (2018)

Era natural, mesmo após a Abolição, ou seja, depois do dia 13 de Maio de 1888, em lugares como Sacramento, interior do chamado triângulo Mineiro, por exemplo, encontrar o homem ou a mulher, ambos negros, nos serviços ordinários, pesados, sempre braçais, e em geral de forma rota, maltrapilha, escaveirado na aparência. (FARIAS, 2018, P.11)

Assim como nos Estados Unidos da América, aqui no Brasil a escravidão deixou um legado que marcou e ainda marca corpos negros e suas histórias. Cristiano Rodrigues e Viviane Gonçalves Freitas (2021) apontam que no Brasil o estudo sobre gênero, raça e classe já era ponto de interesse entre as mulheres negras durante os anos de 1970 e 1980. Já havia aqui uma discussão sobre interseccionalidade, ainda que o termo só tenha ganhado destaque em 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw.

Rodrigues e Freitas, amparados por Kia Lilly Caldwell (2010), evidenciam

A importante tradição intelectual de mulheres negras brasileiras surgida nos anos 1970 e 1980 – com obras de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Edna Roland, Luiza Bairros, Matilde Ribeiro e Fátima Oliveira – que, conjugada à dupla militância, tornou-se fundamental para a construção do pensamento e da prática feminista negra no Brasil. (RODRIGUES; FREITAS, 2021, p.5)

Assim em como outros lugares pelo mundo, no Brasil houve o surgimento de mulheres negras que inconformadas com o apagamento de suas lutas e sobrevivência se ergueram para falar sobre uma classe de pessoas que embora tivessem sido levadas à margem da sociedade não se conformavam com aquele lugar e buscavam mostrar a importância da mulher negra na construção da sociedade brasileira.

No ano de 1975, durante o congresso de Mulheres Brasileiras, Lélia Gonzales juntamente com outras militantes apresentaram o *Manifesto das Mulheres Negras*, documento que retratava a representação de opressão e exploração sofrida pela mulher negra. Tal documento foi o pontapé para “uma série de posicionamentos formais de feministas negras contra o que denominavam de ‘feminismo branco hegemônico’” (RODRIGUES e FREITAS, 2021, p. 5) a partir de então vários outros movimentos encabeçados por mulheres negras foram surgindo. Entre eles, Rodrigues e Freitas (2021) destacam: Aqualtune 1979 (Rio de Janeiro, RJ); Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, 1983 (Rio de Janeiro, RJ); Mãe Andresa, 1986 (São Luís, MA); Mulheres Negras do Espírito Santo, 1987 (Vitória, ES); Maria Mulher, 1987 (Porto Alegre, RS), Geledés – Instituto da Mulher Negra, 1988 (São Paulo, SP) (RODRIGUES,

2006; RIOS, 2017; RIOS; MACIEL, 2018; FREITAS, 2018). E é a partir dos anos 1980 que há uma maior liberdade para que o movimento feminista negro atue no Brasil.

Dentro do movimento feminista negro no Brasil, Lélia Gonzales é um nome de destaque, isso porque ela já discutia sobre a interseccionalidade em seus trabalhos. Claudia Pons Cardoso, em seu artigo *Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez*, pondera que “Ela [Lélia Gonzales] foi pioneira nas críticas ao feminismo hegemônico e nas reflexões acerca das diferentes trajetórias de resistência das mulheres ao patriarcado, evidenciando, com isso, as histórias das mulheres negras e indígenas, no Brasil, na América Latina e no Caribe.” (CARDOSO, 2014, p. 965). Rodrigues e Freitas (2021, p. 6) argumentam que “Ao mesmo tempo em que transitava pelos movimentos negro e feminista, Gonzalez criticava a ambos, frisando que os feminismos deveriam dar atenção às múltiplas formas de opressão que recaem sobre as mulheres.” Percebe-se que a autora já tinha um olhar voltado para as questões que envolvem gênero, raça e classe.

Silva (2000), em seu trabalho *O negro no Brasil: Um problema de raça ou de classe?* pondera que no nosso país a discussão em torno das questões de raça e classe foi por bastante tempo ignoradas por acreditarem que “a sociedade estaria sedimentada nas relações de classe e não de raça. A ascensão social estaria ao alcance de todos, dependendo exclusivamente das potencialidades do indivíduo.” (SILVA, 2000, p.100). Essa visão fez com que as discussões em torno do racismo no Brasil fossem deixadas de lado dando vazão a discursos preconceituosos.

Questões que envolvem classe, raça e gênero são invadidas de opiniões e posicionamentos em alguns casos incoerentes. No Brasil, tais discussões se deram tardiamente, e talvez por isso o conhecimento sobre as questões é raso. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2016), em *Formações nacionais de classe e raça*, traz uma discussão sobre a interseccionalidade entre classe, gênero e raça mostrando como é impossível fazer uma discussão dissociando esses elementos. Pensar em classe, gênero e raça é uma pauta dentro do feminismo negro, isso porque não há como falar apenas de um, pois seria uma forma de eleger apenas uma opressão

Djamila Ribeiro (2018), em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro*, considera que

Desde a década de 1970, militantes negras estadunidenses como Beverly Fisher denunciavam a invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta de reivindicação do movimento. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim da mesma década e no começo da seguinte, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. (RIBEIRO, 2018, p. 29)

Dessa maneira, é possível perceber a tentativa de conferir invisibilidade a mulheres negras, uma vez que ao se pensar o sujeito mulher tinha-se base em mulheres brancas e de classe média. O feminismo negro chega para mostrar e reivindicar o lugar do sujeito negro como também “[..]essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino. (RIBEIRO, 2018, p.30). É a desconstrução do binarismo e do universalismo.

O movimento feminista negro surgiu da necessidade de se repensar as particularidades nas quais as mulheres negras viviam e as opressões que sofriam. Avtar Brah (2016, p.346) afirma que “Essas organizações surgiram contra o pano de fundo de uma crise econômica e política que se aprofundava e de um crescente entrincheiramento do racismo.”

No Brasil, o racismo e o sexismo agem com dupla violência sobre a mulher negra, por isso a importância de movimentos que discutam e deem espaços para que essas mulheres se façam ouvidas. Segundo Gonzales, a identidade negra, desde os primórdios no Brasil, é dotada de inferioridade, o que faz com que a mulher negra assuma determinados papéis como os de empregada doméstica, babá entre outras atividades as quais são escondidas. É apenas em numa visão carnal que estes corpos e identidades são levados a cena, exibindo seus corpos e traços carregados de teor sexual como por exemplo no carnaval, sendo assim a mulher negra é vista como um objeto de desejo dentro de um determinado tempo, após isso é levada novamente aos lugares não vistos. Gonzales (2019) ainda afirma que essa visão da mulata -a mulher negra como objeto de desejo – e a doméstica é uma forma de violência simbólica sobre a vida dessas mulheres que ao ser transfigurada na empregada doméstica perde seu endeusamento de outrora proporcionado pelo carnaval, por exemplo, evidenciando a invisibilidade dessas mulheres dentro da sociedade.

Beatriz Nascimento (2019), em seu artigo *A mulher negra no mercado de trabalho*, ressalta que

O critério racial constitui-se em um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, resultado de patente discriminação. O efeito continuado da discriminação feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhe são atribuídos. Assim, os negros ocupam de maneira contínua os mesmos lugares na hierarquia social, desobrigando-se a penetrar em espaços designados para os grupos de cor mais clara e perpetuando dialeticamente o processo de domínio social e privilégio racial. (NASCIMENTO, 2019, p.261)

O desconforto que Carolina Maria de Jesus causou ao publicar suas obras e se declarar escritora, pode ser explicado a partir dessa visão que se tem da identidade negra. Uma

concepção de que essa comunidade só pode ocupar lugares pré-determinados e que uma mudança na hierarquia poderia causar uma falha no sistema hegemônico.

Embora o lugar reservado às mulheres negras tenha sido o “escondido” e Nascimento (2019) menciona que a falta de mulheres negras em papéis de destaque na sociedade começou a partir da fase inicial da industrialização e com o declínio das indústrias tradicionais, há um momento em que essas mulheres são vistas e “valorizadas”. Achemos importante citar essa nuance que faz parte da vida de mulheres negras, como uma forma de discutir e problematizar essa invisibilidade que por momento se torna visível a partir da objetificação.

Gonzales (2019) apresenta essa objetificação da mulher negra durante os desfiles carnavalescos. Nesse contexto, a mulher negra é a mulata vista e desejada, principalmente porque são expostas como objeto de desejo, além de aparecerem como símbolo de brasilidade. Há uma dualidade entre quando mostrar e aparecer este corpo e identidade negros. Nesse sentido,

A sexualização da mulher negra, presente na sociedade brasileira do período colonial até a atualidade, segundo Carneiro (1995), desenvolveu-se por meio de um processo de desvalorização estética e social que contribuiu para o olhar de inferioridade estereotipada da sociedade em relação a essas mulheres. Nessa perspectiva, se compreende que esse processo, ao qual as mulheres negras foram submetidas, culminou nas explorações físicas, verbais, sexuais e psicológicas. (PANTOJA *et al*, 2019, p.6)

Percebe-se também que nesse momento de “exaltação” da mulher negra, sua invisibilidade é deixada de lado, agora ela é vista e celebrada, mas apenas seu corpo é merecedor de atenção por aqueles que outrora as desprezavam, é o surgimento da “cinderela do asfalto” (GONZALES, 2019).

É uma visão problemática que ganha espaço para discussão dentro do feminismo negro, pois as mulheres que fazem parte desse movimento percebem o sexismo imbricado em atitudes como essas. Gonzales (2019, p. 242) ainda reflete que

Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica.

Esse momento de “destaque” nada mais é do que reflexos de uma visão colonizadora sobre a mulher negra. Esta dualidade pode ser vista na vida de Carolina Maria de Jesus. Em

Quarto de despejo ela enfrenta a miséria, o preconceito e as dificuldades que lhe foram impostas, em outro momento (*Casa de Alvenaria*), frequenta salões, é rodeada de intelectuais, conhece várias pessoas de diferentes regiões do Brasil e ainda fora do país.

Da total invisibilidade social, Carolina agora é a estrela, é o centro da atenção “os reporteres iam chegando para filmar a minha saída” (JESUS, 1961, p.46), como também é vista como uma ameaça para os moradores da favela do Canindé como no trecho retirado de *Casa de Alvenaria*: “Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão” (JESUS, 1961, p.46). Nesse cenário, a história se inverte, Carolina Maria de Jesus é idolatrada por aqueles que um dia a invisibilizaram e do outro lado sua despedida do lugar que viveu por tantos anos é marcada pelas agressões.

Carolina Maria de Jesus atingiu lugares ainda não habitados e conquistados por seus vizinhos, amigos e família, apesar das oposições ela lutou bravamente e abriu caminho para que outros a pudessem ver, admirar, seguir e ainda atingir outros caminhos maiores e melhores que um dia a escritora alcançou.

Essa luta por espaço, voz e igualdade é ecoada desde as primeiras mulheres que se reuniram e acreditaram que seu espaço era maior do que aquele que habitavam. Ao refletirmos sobre espaços conquistados e a serem alcançados, precisamos nos lembrar das mulheres que lutaram e ainda lutam por melhores condições, daí a importância do feminismo negro na formação de sujeitos políticos.

Tendo em vista a pluralidade que marca os corpos negros, é necessário que sejam construídos mais estudos que se voltem para uma análise étnico-racial que possa viabilizar discussões para repensar como a literatura e a sociedade é atravessada e enraizada em preconceitos e visões limitadas dos sujeitos.

A maneira que Carolina Maria de Jesus foi introduzida ao mundo letrado foi um fenômeno importante, pois dificilmente uma mulher negra moradora da favela poderia pensar em produzir literatura. A escritora era um ponto fora da curva para a sociedade da época.

A obra é relevante também para nos ajudar a pensar sobre as opressões e injustiças sofridas por Carolina Maria de Jesus, seus vizinhos e aqueles que estavam na mesma situação, de modo que as violências se entrelaçam, combinam e refletem formando outras formas de opressão. O feminismo negro nos permite esse dialogo interseccional que possibilita outras formas de existência, como a conquista por lugares de destaque por mulheres negras.

A escrita é uma forma de se fazer ouvido, de existir, como Kilomba (2020, p. 27) em seu livro *Memórias da plantação* pondera “Não sou objeto, mas o sujeito”. Ainda sem conhecer tais aspectos epistemológicos, Carolina Maria de Jesus já tinha conhecimento dessa (re)

existência por meio da literatura que a possibilitaria alcançar outros lugares e ser reconhecida por sua escrita.

No cenário brasileiro essa invisibilidade de autoria feminina sempre foi presente. Schmidt (2019), em *Na literatura, mulheres que reescrevem a nação*, pondera sobre a importância do reconhecimento das mulheres no ambiente letrado. A estudiosa ainda assegura que essa exclusão expõe o poder da elite cultural e revela suas práticas de exclusão que impõe suas opressões sobre grupos marginalizados: “Uma das formas mais contundentes do exercício desse poder simbólico é a invisibilidade da autoria feminina do século XIX” (SCHMIDT, 2019, p. 84)

Se a literatura era “dirigida” e representada por homens brancos e de classe média, e geralmente havia uma construção da identidade nacional por meio da literatura como poderiam deixar que Carolina Maria de Jesus falasse e denunciasse e mostrasse um Brasil que era desconhecido ou apenas ignorado por muitos? Talvez aí esteja a resistência de aceitá-la como escritora, o que deixa clara a importância do feminismo negro que intercruza questões fundamentais para discutir e combater preconceitos na tentativa de fazer com que vozes não autorizadas falem e reverberem: “Essa condição leva esses sujeitos a assumir, a partir do lugar que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular.” (CARNEIRO, 2019, p.273)

Entender as especificidades que compõem o ser mulher é necessário para compreendermos o que cada grupo passa e quais os passos precisos na luta antirracista na tentativa de reparar perdas históricas, Carneiro (2019, p. 288) afirma que:

A ação política das mulheres negras vem promovendo:

- O reconhecimento da falácia da visão universalizante da mulher;
- O reconhecimento das diferenças intragênero;
- O reconhecimento do racismo da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil;
- O reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico;
- O reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras para a equalização das oportunidades sociais;
- O reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza;
- O reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branquidade, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não brancas. (CARNEIRO, 2019, p.288)

A partir de um outro olhar para o ser feminino em diferentes dimensões é possível que outras mulheres negras também pudessem ultrapassar os obstáculos da exclusão. As experiências e vivências de Carolina Maria de Jesus não foram diferentes de muitas outras

mulheres negras mesmo após seu sucesso. Farias (2018, p. 263) certifica que apesar do reconhecimento era retratada como a “escritora favelada” pela mídia e tudo isso era devido ao “preconceito que a acompanharia até o fim da vida, por uma sociedade ou um meio social que a aceitava com reservas”.

Observamos que a luta do feminismo negro é necessária para que outras falas provoquem ruídos, questionamentos e percepção de que é urgente o debate que provoque mudanças em todos os âmbitos da sociedade, principalmente no meio acadêmico que deveria ser um lugar reservado a democracia e livre de preconceitos.

1.4 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

Eduardo Duarte (2008), em seu artigo “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, argumenta que a partir do século XXI, estudiosos voltaram o olhar de maneira mais concisa à literatura afro-brasileira, ressaltando obras que se destacam tanto na poesia quanto na prosa.

O autor ainda destaca que

paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*. Enquanto muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja ouvir resposta –, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; (DUARTE, 2008, p.11)

O surgimento ou reconhecimento de uma literatura negro-brasileira se faz relevante se consideramos todos os aspectos que faz parte da história do negro no Brasil. Ao tratarmos da literatura negro-brasileira é necessário frisar que a temática da vida do negro sempre esteve presente no cenário literário brasileiro. No entanto, uma literatura escrita por negros foi por muito tempo não reconhecida. Silva (2019, p.113) considera que “[...] a Literatura Negra configura-se como uma resposta à marginalização histórica sofrida pelo negro ao longo dos anos e se representa enquanto voz que fala contra todas as formas de discriminação.”

Dessa maneira, entendemos que a Literatura negro-brasileira busca ressaltar a importância do negro para a literatura brasileira e uma forma de ressignificar e estimular a escrita desse grupo, além do mais:

É importante ressaltar que a Literatura Negra não busca um espaço isolado dentro da realidade brasileira ou da arte literária produzida no Brasil, o que se configuraria também em uma forma própria de discriminação, e sim focaliza em um conteúdo comprometido com a causa do negro e que, ao mesmo tempo, mantenha-se integrada. (SILVA, 2019, p.47)

É relevante ressaltar que essa literatura surge dentro de um contexto de exclusão social, dado que o ato da leitura e da escrita, foi, por muito tempo, exclusivo de grupos socialmente privilegiados como o dos homens brancos e de classe média alta.

Fernanda R. Miranda (2009), em seu trabalho *Silêncios prescritos. Estudo de Romance de autoras negras brasileiras*, mostra que a escritura literária dos negros parece não ter sido amalgamada à literatura brasileira, mas representa um fenômeno isolado de nossa literatura: “Por estar à margem do cânone, por não espelhar o sujeito enunciador privilegiado na literatura brasileira (homem branco), a escrita de autoria negra tem sido pensada prioritariamente como conjunto à parte da literatura brasileira.” (MIRANDA, 2009, p.45)

Carolina Maria de Jesus, por ser pobre e negra, passou por várias dificuldades de ordem financeira. Além de ser mulher e precisar cuidar sozinha de seus filhos. Mesmo assim, ela lutou bravamente ter seu lugar no espaço literário, além de manter o hábito da escritura vida afora. Em meio a sua vida sofrida achava na literatura o refúgio que procurava e causou alvoroço ao mostrar isso ao mundo. Sem dúvida, foi um ato de rebeldia uma mulher negra e pobre escrever e se denominar escritora.

Para analisarmos as obras de Carolina Maria de Jesus é necessário que nos atentemos a alguns pontos relevantes que fazem parte da identidade da autora. O primeiro deles é entendermos o que é a literatura negro-brasileira e como o surgimento dessa vertente dentro da literatura brasileira possibilitou que autores negros tivessem seus escritos legitimados. Dessa forma, foi necessário refletir sobre a história do negro dentro do processo de colonização brasileira para questionar o lugar de subalternidade, o qual não foi aceito de maneira passiva, mas que houve luta e ainda há. De acordo com Cuti, uma forma de luta dos autores e autoras negros é trazer em suas obras os impasses sobre a discriminação racial:

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanação do discurso, o “lugar” de onde fala. (CUTI, 2010, p.25)

A autoria negra-brasileira e a tematização do preconceito e da discriminação social é uma forma de marcar o lugar de fala de quem viveu na pele o preconceito. É preciso considerar dentro da literatura negro-brasileira a participação desses sujeitos como personagem, autor e leitor.

Essa atuação como personagem, autor e leitor, só aconteceu a partir do século XX com o crescimento das lutas contra o racismo. Dessa maneira, essa coletividade usou a literatura como maneira de resistência e catarse, pois a literatura é um espaço que permite que o autor possa colocar suas angústias, refletir sobre a realidade e levar o leitor a outros espaços onde não poderia entrar. Nesse sentido, autores negros poderem escrever e mostrar suas realidades era uma maneira de protestar contra todo um sistema no qual eles estavam inseridos e a que não se conformavam.

Tomemos como exemplo Carolina Maria de Jesus que, ao escrever *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria*, mostrou ao mundo as condições de miséria em que ela e os outros moradores da Favela do Canindé viviam. Não se sujeitando àquela vida, buscou uma forma de resgatar sua dignidade e serviu de inspiração para que outros que viviam naquela mesma realidade encontrassem na literatura espaço para apresentar suas vivências, exigir seus direitos e reivindicar condições mais humanas de vida.

Cuti (2010) afirma que para que esse lugar na literatura fosse contestado e analisado dentro do contexto brasileiro, tivemos importantes autores estrangeiros que refletiram sobre a participação de grupos e pessoas negras dentro da literatura brasileira. A participação mais ativa de estudiosos estrangeiros reflete o racismo estrutural da sociedade brasileira e a tentativa de esconder ou ainda fingir que no Brasil não há racismo.

Nesse sentido, Cuti (2010, p.28) afirma que “Ora, se o escritor conhece a concepção de raça que predomina na sociedade (no Brasil, a ideia de que não há discriminação racial, ou quando muito apenas um “racismo cordial”), procurará não ferir a expectativa literária do público para não comprometer o sucesso de seu trabalho. Assim, os temas referentes aos negros no Brasil que eram abordados na literatura ressaltavam a dominação dos europeus e a ideia de uma projeção do futuro do Brasil: “Os literatos estavam, assim, respaldados por uma crítica literária local, tentando cobrir o próprio país como tema de suas obras” (CUTI, 2010, p.17)

Dessa forma, no Brasil, o estudo sobre o negro na literatura brasileira começou com estrangeiros. Cuti (2010) aponta que Roger Bastide, Raymond Sayers e Gregory Rabassa foram os primeiros a investigar a relação entre literatura brasileira e a descendência de africanos escravizados trazidos ao Brasil. Ainda segundo o autor, isso demonstra uma certa dificuldade dos próprios brasileiros em investigar e expandir tais perspectivas, devido a falsa crença de que no Brasil não há racismo.

Eduardo Duarte, em seu artigo *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção* (2010), argumenta que é a partir do século XXI que a literatura de autoria negra se expande, tanto a produção, como também ganha lugar dentro da academia, ou seja, há uma maior visibilidade de textos escritos por autores negros e uma maior valorização de tais obras.

Embora tenha ganhado maior destaque no Brasil, durante o século XXI há aqueles que discutem se realmente há uma literatura negro-brasileira, ressaltando mais uma vez que o espaço acadêmico-lugar que deveria ser livre de qualquer preconceito – ainda é um ambiente elitizado e por vezes excludente. Porém, Duarte (2008, p.11) afirma que “[..]essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.”, o que reforça a importância dessa literatura para a construção da cultura brasileira.

Se é no século XXI que essa literatura ganha maior atuação, o século XIX, após a independência do Brasil, há um período marcado por uma tentativa de construção de nacionalidade brasileira que será também refletida na literatura. Para marcar esse desejo de construção de uma identidade nacional, Cuti (2010) aponta que os autores da época usaram em suas obras figuras importantes que ajudaram a formar o Brasil, como os índios, negros. Não obstante, os autores usavam essas figuras na tentativa de vender uma imagem do Brasil aos moldes europeus, era o selvagem civilizado e o bom negro, mostrando que, apesar de ter sido construído com cidadãos não europeus, mantivemo-nos atrelados a eles, levando em conta a cultura e os bons modos vistos como civilizados.

Essa imagem é projetada pelos escritores durante o século XIX, na tentativa de formar uma identidade nacional que se encaixe à cultura hegemônica, pois esta era supervalorizada e tida como correta e melhor. Essa representação é errônea e perpassada por preconceitos, já que está distante da realidade. Nesse sentido, Cuti pondera que

Até, então, nesse contexto, os descendentes, escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade. (CUTI, 2010, p.16)

O lugar reservado ao negro durante o século XIX é marcado pela desumanização destes, colocando-os como apenas um reflexo da identidade nacional, como sujeitos que apenas

estavam lá e não como protagonistas da formação da cultura brasileira, o que reflete ainda nos dias atuais.

Nessa perspectiva, Cuti (2010) sustenta que os escritores durante o século XIX usaram ideias vindas da Europa para abordar alguns temas que faziam parte da vida dos africanos e da descendência deles no Brasil, enfatizando, principalmente, a dominação europeia desde o início da colonização, marcada pela ideia de superioridade branca. Percebe-se que a formação da identidade nacional foi acobertada pelos literatos da época, e muitos discursos importantes foram suprimidos.

Já no século XX, com o Modernismo, há outra forma de se pensar a identidade nacional literária, agora leva-se em conta as minorias como os pobres e os índios, porém aqui considera-se as manifestações folclóricas e não as lutas e conflitos destes sujeitos (CUTI, 2010).

Dessa maneira esses sujeitos são levados a um lugar de reconhecimento, à cena pública, falando sobre esses indivíduos, no entanto não por inteiro, são reconhecidos como pertencentes à sociedade brasileira, figuras importantes para o desenvolvimento da nossa identidade, mas a humanidade, as lutas e complexidades são deixadas de lado para dar espaço apenas a folclorização. De acordo com Cuti, “O sujeito é étnico, pois, com base nos sentidos e na organização do discurso, exhibe suas marcas e seus posicionamentos em relação àquilo que propõe.” (CUTI, 2010, p.22)

Essa ocultação dos conflitos que permeiam a representação dos negros, pobres, índios entre outros, na literatura e em outros espaços de debate, mostra que há ou havia uma tentativa de mascarar os acontecimentos durante o período da escravização e após também, pois não havia políticas públicas que assegurassem os direitos dos homens negros livres. Assim, mais uma vez a história é contada de maneira incompleta, isso porque durante o período pós-Abolição no que tange à população negra, não havia um projeto que integrasse a massa ex-escravizada que sai do campo e vai para as áreas urbanas a procura de trabalho, aqueles que permanecem no ambiente rural continuam enfrentando episódios parecidos com o regime antigo.

Sendo assim, “é sobre o negro que incide a maior carga de recusa da identidade brasileira” (CUTI, 2010, p.22). Dessa forma, há um complexo de inferioridade que envolve os sujeitos negros, isso porque ao não admitir a participação desses indivíduos na nossa identidade nacional, prevalece uma superioridade do branco que exhibe com orgulho seus traços. Porém, Cuti (2010) também afirma que essa vergonha que o branco brasileiro sente por ser representado pelo negro está mudando devido aos espaços que esses sujeitos estão ocupando, principalmente no esporte e na música.

Além desses espaços, pessoas negras têm alcançado visibilidade em outras atividades, o que reforça a importância da representatividade. Ainda que os negros tenham maior representatividade, a luta contra o racismo e o preconceito é real e constante. Cuti (2010) assegura que “A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária.” (CUTI, 2010, p.25).

Essa quebra de paradigmas é feita por aqueles que não aceitam um sistema hegemônico e usam seus próprios conflitos como maneira de libertação e reflexão. É nessa quebra que se encaixa Carolina Maria de Jesus com sua escritura sobre o Eu que reflete no Nós que é a comunidade da favela do Canindé. É nítido em *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* que Carolina Maria de Jesus não aceitava os estereótipos sobre ela e seus ascendentes. Há uma crença em uma mudança de vida e ascensão social ao falar sobre suas próprias lutas, Carolina também fala sobre os seus vizinhos contemplando igualmente os conflitos dos moradores daquele lugar.

A escritora usa suas vivências e conflitos como tema para suas obras, mostrando o lugar de onde fala e não aceitando aquela realidade para sua própria vida. É uma forma de protesto que desenvolve no texto uma consciência crítica, ressaltando a humanidade daqueles sujeitos que apesar de estarem no *Quarto de despejo* (JESUS, 1995), lutam bravamente por seus direitos e reconhecimento.

Sendo a literatura uma forma de expressão dos indivíduos, é notória a importância de se encontrar vozes distintas dentro da literatura que formam a visão de cada um sobre determinada época. Cuti (2010) chama atenção para o escritor negro no século XX que, envolto e amparados por associações negras que propunham uma recepção solidária para esses escritores, terá uma literatura voltada para a sensibilização da sociedade para a injustiça da escravidão.

Cuti (2010, p.27) afirma que ‘Promulgada a Lei Áurea, realmente os abolicionistas encerraram sua preocupação com a população egressa do cativeiro. A possibilidade da perspectiva negro-brasileira na literatura tinha, assim, seu limite na recepção.’, ou seja, para o negro se inserir na literatura até meados do início do século XX deveria se conformar apenas com a leitura dos livros. É preciso considerar o sistema letrado da época que era composto predominante por brancos.

Críticos, leitores e escritores faziam parte do conjunto privilegiado o que, conseqüentemente, atrapalhava a atuação de autores negros dentro da literatura, pois precisavam por vezes ter seus textos podados para cumprir uma expectativa literária. Como foi mencionado antes, como qualquer outro autor, o escritor negro sempre teve que levar em consideração a recepção branca. Sabendo disso e do conceito de raça que há no Brasil, que é a

ideia: “[...]de que (no Brasil) não há discriminação racial, ou quando muito apenas um “racismo cordial” (CUTI, 2010, p.28) o autor negro procurará não contrariar essa concepção.

Dessa maneira, é possível encontrar empecilhos na produção literária, pois é necessário atingir a expectativa desses leitores brancos que em sua maioria não querem refletir sobre as mazelas que atingiram o povo negro, já que acreditam em “racismo cordial” (CUTI, 2010, p.28). Percebeu-se, então, que era preciso mudar essa realidade para que este grupo pudesse ser ouvido: “No tocante à literatura, é com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que haverá um entusiasmo para que a vertente negra da literatura brasileira se descongele da omissão ou do receio de dizer sua subjetividade.” (CUTI, 2010, p.28)

E para que essa escrita negro-brasileira fosse considerada importante movimentos foram criados para que escritores negros pudessem expressar sua visão, dentre estes Cuti cita: Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial (MNCDR) que em seguida passou a ser conhecido como Movimento Negro Unificado (MNU) e desencadeou o lançamento da série *Cadernos negros*. O autor também ressalta que já nos primeiros anos do século XX, algumas associações negras de muitas partes do Brasil ofereciam uma recepção para os escritores, pois tinham o endereço direto de leitores negros. A união dessas associações foi importante para que espaços de autoria e recepção fossem criados e outras visões pudessem ser manifestadas dentro da literatura brasileira.

Para entendermos o termo literatura negro-brasileira é preciso levar em consideração alguns pontos que fazem parte dessa estrutura, como temática, autoria e ponto de vista. Duarte (2008) afirma que o negro é o tema principal da literatura negra, ou seja, há um resgate da história do povo negro, sendo assim a temática “pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba.” (DUARTE, 2008, p.13). Dessa forma, há uma preocupação em reconstituir as reminiscências daqueles que não se submetiam aos padrões da época.

Se alguns autores reescreviam a história conferindo maior projeção ao negro, Carolina Maria de Jesus escrevia sobre o presente do seu tempo, revelando os objetivos pelos quais ela lutava e acreditava: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa.” (JESUS, 1995, p.17). A temática de Carolina Maria de Jesus era sobre suas mazelas e visão de mundo.

Duarte (2008, p.14) afirma que o “tema negro não é único ou obrigatório, nem se transforma numa camisa de força para o autor afrodescendente, o que redundaria em visível

empobrecimento.”, porém, levando em conta o tempo de silenciamento e o afastamento do sistema letrado, é relevante a figura do negro na literatura feita por pessoas negras, é uma forma de trazer à tona séculos de exclusão e isso porque “Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também.” (CUTI, 2010, p.47). Se antes o negro era retratado de maneira inferior, a partir do século XX tem-se espaço para que ele possa ser o agente principal de sua história, mudando concepções acerca de personagens negros na literatura, agora ele pode contar sua narrativa em primeira pessoa, não é necessário mais que outro conte sua história.

Na esteira desses pensamentos, Cuti (2010) afirma que “Na literatura, por razões fundamentadas em teorias racistas, a eliminação da personagem negra passa a ser um velado código de princípios. Ou a personagem morre ou sua descendência clareia.” (CUTI, 2010, p.35) Essa mudança de perspectiva será possível a partir de uma literatura feita e direcionada a esse público, uma vez que “As manifestações folclóricas e religiosas, as lutas, que viraram esporte, aquilo que foi ideologicamente abasileirado, como as escolas de samba, nada disso incomoda tanto quanto a manipulação da palavra pelo negro como simbologia do sujeito em ação, seja na música, no palco ou na página.” (CUTI, 2010, P.61) Assim, quando o negro é o autor da própria história e a escreve de acordo com a sua verdade, ele muda o trajeto do enredo e a visão que foi construída sobre esse povo, como Carolina Maria de Jesus apontava: “É preciso escrever e dizer só a verdade” (1961, p.26)

Se é preciso escrever e dizer somente a verdade a respeito da vida e vivência de pessoas negras é preciso dar importância a autoria. Duarte (2008) indica que esse é um tópico que pode causar algumas controvérsias, isso porque é preciso ter um olhar atento sobre os fatores que compõem esses autores. A autoria vai além da cor da pele, ainda mais em um país como o Brasil no qual há grandes dificuldades em definir o que é ser negro, visto que há uma enorme pluralidade fenotípica.

Portanto, para falarmos sobre autoria negra é preciso considerar a materialidade da construção literária e ainda “[..]é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a literatura Afro-brasileira como parte da Literatura Brasileira.” (PEREIRA, p.135, 1995). Dessa maneira, a autoria deve estar ligada ao ponto de vista do autor, ou seja, o autor negro escrevendo a partir de seu olhar sobre o mundo, complementando e esclarecendo sua visão e posicionamento.

Duarte (2008, p.15) pondera também que “configura-se em indicador preciso não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto, ou seja, do conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam as opções até mesmo vocabulares

presentes na representação.” Ou seja, é um conjunto de vivências e experiências por parte do autor que irão se refletir na sua escrita.

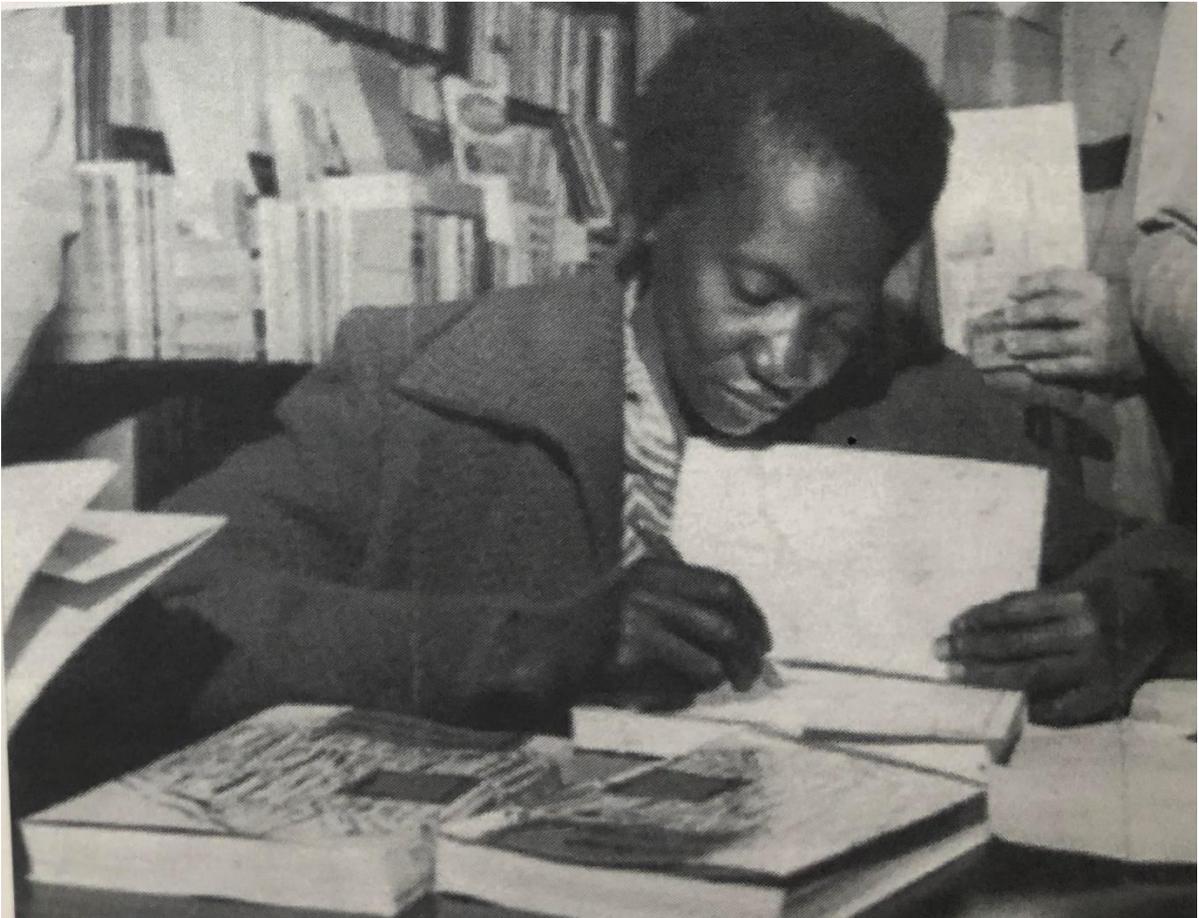
Cuti (2010) afirma que o divisor de águas na dicção negra se dá com os versos de Luiz Gama, um autor negro do século XIX, que em seus textos reflete sobre o sujeito étnico, pois este configura um “eu” lírico negro e isso faz com que haja um lugar diferenciado de emanção do discurso, demarcando um ponto de subjetividade não apenas individual, mas coletivo, reforçando a ideia dos conjuntos de valores morais e ideológicos. O estudioso (2010, p.75) observa que uma das funções básicas da literatura é a catarse e que o “o povo negro, encontra também na literatura um caminho aberto para reconhecer a si mesmo, por meio da purgação da histórica humilhação sofrida e do expurgo de seus fantasmas criados pela discriminação racial.”

Em *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* encontramos Carolina Maria de Jesus autora de sua própria vida, usando como temática seus conflitos, apresentando ao leitor seu ponto de vista sobre a vida na favela, o sucesso repentino, a criação dos filhos, a nova vida na casa de alvenaria entre tantos outros assuntos que ela traz à tona. Usando uma linguagem por vezes fragmentada –considerando a gramática normativa-, mas é a linguagem que representa sua vida devido ao pouco estudo e as poucas oportunidades que tivera, ainda assim usava da Literatura como ferramenta de transformação e lugar para manifestar sua indignação, na tentativa de restaurar sua humanidade e dignidade que foi tolhida pelo sistema hegemônico.

A relevância de se ter uma literatura que seja feita por e para o povo negro mostra-nos também a importância desta para a construção da identidade de um grupo, visto que é necessário o reconhecimento de uma identidade. Dessa forma, é notável que na obra de Carolina Maria de Jesus ela construa sua identidade considerando todas suas características como mulher negra, como moradora da favela, como mãe e também como escritora.

Carolina Maria de Jesus, como pertencente a essa literatura negro-brasileira escrita por negros, usou esse lugar para assegurar sua visão e transformação de vida. A formação da identidade da escritora é relevante dentro desse cenário e por isso no próximo capítulo exploraremos sua constituição dentro de sua obra.

FIGURA 5- Carolina autografando seu livro, algo que mudaria sua vida.



Fonte: Farias (2018)

FIGURA 6- Carolina ao lado do ministro do trabalho, no dia do lançamento do seu livro.



Fonte: Farias (2018)

FIGURA 7 - Cartaz colocado na entrada da livraria Francisco Alves diante de uma multidão que foi pegar o autógrafo de Carolina.



Fonte: Farias (2018)

CAPÍTULO 2

A IDENTIDADE DA NARRADORA EM *QUARTO DE DESPEJO*

Nesse capítulo discorreremos sobre a formação da identidade de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*, tendo em vista sua multiplicidade como mãe, mulher negra, moradora da favela do Canindé e escritora. Amparada pela obra de Antonio Ciampa que reflete sobre a mutabilidade das características que nos formam, de modo que somos permeados por diferentes contextos e mudanças, ou seja, nossa identidade não é fixa, podemos mudar de cabelo, emprego, cidade e tudo isso irá afetar nossa individualidade uma vez que somos reflexos dessas relações.

Gilmar Penteado (2016), em *A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe*, mostra que o conceituado e renomado crítico literário Bosi é um dos primeiros a citar o nome de Carolina Maria de Jesus na crítica literária em seu livro *Literatura e resistência* (2002). Embora tenha sido um pioneiro a fazer referência à obra de Jesus, Bosi apenas faz uma breve menção à escrita e à vida da autora. Ainda assim, Penteado afirma que isso era “mais do que outros críticos haviam feito até então” (PENTEADO, 2016, p. 240), o que evidencia o quanto Carolina Maria de Jesus foi silenciada e deixada de lado pela crítica.

Nessa perspectiva, Farias (2018, p. 227) alega que “Os jornais e os demais escritores, ditos cultos, incomodados com a presença nas suas, até então, intocáveis lides literárias de uma “escritora favelada”, torceram bastante o nariz.” Carolina não se deixava abater pelas críticas e prosseguia fazendo seu trabalho de escritora. Embora o livro obtivesse grande sucesso de vendas, a escritora era citada pelos grandes veículos de comunicação como “escritora favelada”, dando a ela essa alcunha na intenção de menosprezar seu trabalho. É uma forma de exotizar também, porque o exótico é um lugar para o que não é legítimo nem aceito, mas não pode ser mais ignorado.

Carolina Maria de Jesus recebeu condecorações como a da Academia de Letras da Faculdade de Direito, as coroações de misses e rainhas, presentes, jantares com pessoas renomadas da sociedade brasileira, ela era o holofote. Seus livros superavam o número de venda de outros autores já consagrados- mais adiante trataremos com mais ênfase sobre essa questão- e ainda se especulava um mercado internacional para as obras de Carolina Maria de Jesus, o que de fato aconteceu. Ao mesmo tempo, ela foi perseguida e humilhada pelos meios midiáticos.

Gilmar Penteado afirma também que ela foi percebida pelos literatos não como algo incomum, mas possível de acontecer. É fato que havia muitas pessoas na mesma situação que

Carolina Maria de Jesus, vivendo na favela, sendo mãe solteira, mulheres negras e pobres. No entanto, Carolina Maria de Jesus, mesmo em um ambiente desfavorável e longe daquele campo letrado que ela almejava, não se sujeitava a ter menos do que queria. Diferentemente da postura dos literatos da época, apontada por Penteado, entendemos que a garra, a coragem e a luta de uma mulher como Carolina Maria de Jesus não é algo passível de tornar-se real todos os dias, ter forças para lutar contra tudo aquilo que era obrigada a enfrentar. Ela foi realmente algo surpreendente, novo e libertador para milhares de indivíduos que se encontravam nas mesmas circunstâncias.

No tocante às críticas recebidas por seu livro, Farias (2018, p. 230) aponta algumas dessas contestações sobre a autoria de Carolina. Ele cita um crítico que usava o pseudônimo “Casmurro de Assis” e rotulou *Quarto de despejo* como “panfleto murmurado em voz mansa e cordial, voz humilde de criatura” e ainda mais: “O perigo é que Carolina Maria de Jesus queira se tornar uma escritora. Que aconteça com ela o que está acontecendo com esses negros que Marcel Camus recolheu nos morros e colocou no ‘Orfeu do Carnaval’ e que andam por aí agora com banca de artista.”

Farias (2018) também fala sobre o jornalista e escritor Sérgio Porto ao falar sobre a obra de Carolina Maria de Jesus a chama de “escritora favelada” e complementou dizendo que era “mais favelado do que escritora”. Outro articulista com o nome de “Christina” afirmou que “Carolina passou da sombra para a luz sem transição. Desejo que essa mudança tão súbita e brusca não lhe roube a espontaneidade, a autenticidade, não a faça levar longe demais as suas ambições literárias.” Farias (2018, p. 232) em seu livro também traz trechos de uma crítica publicada no jornal A Tribuna, na cidade de São Paulo, em 18 de novembro de 1960, declarando o seguinte: “Com o título acima [Quarto de despejo], divulga-se um livro de anotações diárias, escritas em português errado, de autoria da sra. Carolina Maria de Jesus, moradora daqueles ‘mocambos’ ou ‘malocas’ da ribanceira do Canindé em São Paulo.”

Os comentários sobre *Quarto de despejo* também eram feitos pelos leitores dos jornais nos quais as notícias sobre a obra circulavam. Farias (2018) traz a opinião de uma leitora chamada de Rutília da Glória Santos: “O “best-seller” da sra. Maria de Jesus não apresenta nenhuma novidade. É fraco, menos que infantil, monótono e desprovido mesmo de qualquer sentido de observação profunda [...]”. Assim, os insultos à produção de Carolina Maria de Jesus vinham de todos os lados.

Os ataques que Carolina Maria de Jesus recebia não eram em si por sua escrita literária ou pela qualidade de seus textos, mas sim por sua condição social. Conceder espaço na literatura

para uma mulher negra, vinda de um lugar periférico, era motivo de revolta para alguns importantes formadores de opinião da época.

A identidade de escritora de Carolina Maria de Jesus foi muito contestada, queriam tirar-lhe seu mérito por não ter tido uma educação formal e por vir de um lugar subalterno, porém Carolina sabia quem era e o que queria, sua identidade de escritora não era algo que ela tinha dúvidas, e por isso estava determinada a mudar suas circunstâncias apesar de todos os obstáculos.

Miriam Monaco Mota (2011), ao abordar sobre a identidade na obra *Quarto de despejo*, afirma que

A diferença marca a identidade; é por meio da interação com o outro, da percepção do que não se é, que a identidade vai ser construída. Há na constituição da identidade um jogo de opostos – homem/mulher, branco/negro. Mulher e negro são marcas em contraste com os termos não-marcados – homem e branco. Já vimos que Carolina é um “elemento marcado”, é o diferente. (MOTA, 2011, p.7)

Por Carolina Maria de Jesus ser o diferente, aquela que não se assemelha com sua realidade, que não se reconhece no lugar no qual está, ela busca outras oportunidades para que sua vida possa mudar

Ainda que com condições precárias de vida, sem estudos e sem orientação acadêmica, a autora escreveu romances, poesia, peças teatrais, entre outros. Tais escritos nos remetem a uma Carolina Maria de Jesus nada comum, como Penteado pondera:

Carolina é uma escritora peculiar: é indiscutível. De talento extraordinário, usou as formas que tinha na luta pela sobrevivência. Queria salvar a si e a seus filhos da fome, da vida dura na favela do Canindé, na capital paulista, no final dos anos 1950, além de ascender socialmente, mas também reconhecida como artista. (PENTEADO, 2016, p.240)

Dessa maneira, compreende-se que construir a imagem de Carolina Maria de Jesus como um lugar comum, passível de acontecer a qualquer um, é mais uma forma de silenciamento e apagamento de vozes negras que por meio da literatura encontrariam seu lugar e espaço para se fazerem ouvidas.

Fabiana Souza Valadão de Castro Macena, em seu trabalho *Carolina Maria De Jesus E Clarice Lispector: Representações Do Feminino Na Literatura Brasileira Contemporânea*, reflete que aos subalternos foi oferecida pouca ou quase nenhuma educação formal, o que inviabiliza e/ou limita o acesso ao espaço literário, o qual está reservado a quem domina a

variedade formal da língua, ou seja, a quem pertence aos grupos sociais aos quais foram garantidos acesso à escolaridade (MACENA, 2017, p. 69).

Nesse seguimento, verifica-se que a autora, pela baixa escolaridade, foi então afastada da literatura brasileira e “levada para o campo da literatura de testemunho” (ARRUDA, 2015, p.77). Como considera Macena (2017, p.50): “observaremos que, pela ótica da sociedade, Carolina Maria de Jesus não é escritora, mas uma trabalhadora braçal que escreveu um diário e, momentaneamente, recebeu os créditos por uma produção testemunhal”. Essa visão é, pois, preconceituosa e discriminatória. É, no mínimo, necessário pensar que, na verdade, Carolina Maria de Jesus teve uma obra marcada pelo sucesso apenas de seu primeiro livro, justamente pelo preconceito que lhe serviu de entrave para as demais publicações realizadas e as que ainda poderiam surgir.

A escrita carolineana não se limita à representação da mulher e encontra intersecção com outros aspectos mais globais como etnia e classe social (DOMINGOS; MACENA, p. 10, 2021). Os moradores da favela são os excluídos, privados de direitos humanos básicos como saúde, habitação e comida. A autora expõe essa falta a todo momento em seu livro, como pode-se observar nos excertos: “(...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.” (JESUS, 1960, p.30), “cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. [...] fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro.” (JESUS, 1960, p.42), “... nós somos pobres viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais.” (JESUS, 1960, p.348). Pela ausência de oportunidades, negligenciados pela sociedade e pelo Poder Público, esses indivíduos são desumanizados.

Carolina Maria de Jesus em seu diário relata essa desumanização ao mencionar a morte de um menino ao comer uma carne que ele encontrou no lixão: “os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: disse me: — leva, Carolina. Dá para comer. [...] no outro dia encontraram o pretinho morto” (JESUS, 1960, p.36). É dentro desse contexto de marginalidade que a produção literária surge e oferece a oportunidade de devolver a esse grupo alguma dignidade.

A árvore Carolina Maria de Jesus, como definiu Gilmar Penteado, criou ramificações para outros que se viam e se encontravam na mesma situação que a escritora. Sobre isso, Penteado (2016, p.245) pondera que “[...] vários desses autores citam a leitura de *Quarto de despejo* ao falar de sua formação literária e como a obra foi importante para que outras pessoas pudessem falar sobre sua realidade.” Assim, a obra de Carolina de Jesus deu vasão a outras pessoas, a outras vozes e a novas histórias construídas pela literatura, por isso aceitar a ideia de

que Carolina Maria de Jesus não tinha nada em especial e que era possível que encontrássemos várias delas por aí, é inaceitável. Sua escrita possibilitou a entrada de outros grupos criando uma identidade, pois “O pobre deixou de ser objeto da escrita; agora é sujeito.” (PENTEADO, 2016, P.245).

Lelia Gonzales (2019, p.240), em seu artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, discute sobre a identificação do dominado e do dominador e o lugar que ocupam de maneira categórica: “O lixo vai falar, e numa boa.” A autora discorre sobre o mito da democracia racial que no Brasil ganhou espaço e divulgação. Ao falar sobre o assunto, Gonzales traz à cena as violências que esse tipo de discurso omite e ao declarar que “O lixo vai falar, e numa boa” ela fala a partir de sua própria vivência não deixando que o outro fale por ela.

Nessa perspectiva, Carolina Maria de Jesus e todos aqueles que carregam consigo as mesmas características que ela, são sujeitos em busca da formação de sua identidade e da vontade de mostrar ao outro as dores e alegrias de ser quem é. A literatura, é uma forma de viabilizar um lugar e um povo que sofre por esse silenciamento e falta de oportunidades. Dessa forma, a literatura era para Carolina Maria de Jesus o espaço no qual alçaria voos maiores e conseguiria obter sua sonhada casa fora da favela: “O desgosto que tenho é residir em favela.” (JESUS, 1985, p.19)

O deslumbramento suscitado pela literatura como uma forma de emergir socialmente e o lugar que Carolina Maria de Jesus durante muito tempo ocupou dentro do âmbito literário é suscetível de discussões. Rejane Pivveta de Oliveira, em seu trabalho *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária* (2011), afirma que “marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes” (OLIVEIRA, 2011, p.31), e é isso que se pode observar na escrita de Carolina Maria de Jesus. As produções consideradas marginais e periféricas têm como maior significado o de representação de grupos socialmente excluídos da sociedade.

Trata-se, então, de uma literatura totalmente destoante da encontrada dos cânones, visto que pertencem a escritores que não tiveram o mesmo acesso à escola, aos livros e à cultura dominante. Incluído nessa perspectiva, temos o domínio da norma culta da língua como motivo para exclusão dos indivíduos, e como instrumento de poder, classificando-os em pertencentes ou não à classe hegemônica e com direito ou não a escrever e à escrita literária. Esse é mais um motivo para que a escrita carolineana fosse questionada, já que era uma escritora semianalfabeta, detendo pouco domínio da norma culta, o que enfatiza seu lugar de subalternidade. No que tange a essa ideia, Macena (2017, p.31) considera que “caso a autora dominasse a estilo prestigiado e não usasse, isso seria compreendido como um dos pontos

estéticos apreciáveis do texto, conferindo a seu autor a capacidade de se lançar no lugar do outro, representando-lhe, *fielmente*, a realidade”.

Em outras palavras, o emprego informal da língua está autorizado desde que seja algo intencional. A rejeição decorre do fato de que a autora não domina as normas da língua culta, o que denuncia seu lugar de fala, confirmando então a escrita como fator identitário. Embora a autora tenha total propriedade sobre o tema que aborda e tenha completa habilidade discursiva para desenvolver seu texto, impera sobre si e sobre a sua produção literária o preconceito, afinal,

A linguagem caroliniana, contraditoriamente feita de anacronismo literário por imitação dos poetas românticos, como Casimiro de Abreu, e do testemunho de um membro das camadas subalternas de nossa sociedade, narrado a partir do ponto de vista de baixo, não cabia nos moldes das elites. (SOUSA, 2012, p.21).

Destarte, a escritora manifesta uma linguagem híbrida (FANIN e VILELA, 2014), que faz uso da tradição literária e da forma culta. A busca por um estilo formal é notória na escrita de Carolina Maria de Jesus, como podemos identificar nos trechos: “... na minha opinião os atacadistas de São Paulo se divertindo como o povo igual os Cesar torturava os cristãos, só que o César da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé e nós, pela fome.” (JESUS, 1960, p.129), “[..] vocês são incultas não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela.” (JESUS, 1960, p.17); “... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.” (JESUS, 1960, p.25); “... A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.” (JESUS, 1960, p.28).

A autora também utiliza da linguagem empregada pelos membros da favela que faziam parte do ambiente letrado, é o que Sousa (2012) chama de linguagem fraturada: “A linguagem fraturada de Carolina deve ser entendida pelo que de fato é: a tentativa de uma pessoa das camadas subalternas de dominar os códigos da cidade letrada”. (SOUSA, 2012, p.21). Exatamente o que se traduz em encantamento para os apreciadores de sua obra é o que se torna empecilho para a aceitação de seus opositores. A escrita de Carolina se sustenta em uma ligação estreita entre o canônico e o não-canônico. (SOUSA, 2012).

Na esteira desses pensamentos, Monica Horta Azeredo, em seu artigo *A representação de si e do outro nas falas de Carolina Maria de Jesus e Estamira*, aborda essas questões mostrando que falar de si para o outro era uma maneira de liberdade de exposição daquele

cenário. A estudiosa ainda pondera que cinema e literatura são diversão e entretenimento, mas também poderosos espaços de representação e produção identitária por onde circulam uma série de significados através de discursos diversos.” (AZEREDO, p.137). É dentro deste espaço – contestado - que a identidade de Carolina Maria de Jesus se constrói e ela lança todos seus sonhos sobre ele. À sua maneira, Carolina Maria de Jesus trouxe à tona uma realidade pouco conhecida - ou ignorada -, expôs para outros o sofrimento que não só ela, mas todos os que estavam naquela mesma condição.

No entanto, a inserção de escritores marginalizados na ala de grandes escritores nem sempre é tão fácil, como Regina Dalcastagné (2012, p,13) alega, “daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura”. Esse lugar periférico no qual a narradora-escritora estava inserida reverbera em suas escolhas e formação. A formação da identidade de Carolina Maria de Jesus é construída em duas dimensões: o mundo da favela e o mundo letrado. Ela estava no mundo da favela, mas desejava estar também o mundo dos escritores consagrados.

Lara Gabriella Alves dos Santos, em seu trabalho *Carolina Maria de Jesus: Análise Identitária em Quarto de despejo-Diário de uma favelada* (2015), pondera que conhecer a história de vida de um indivíduo é o ponto de partida para o conhecimento do processo de constituição de sua identidade, como também compreender sua relação com a cultura, sociedade e época em que viveu. Carolina Maria de Jesus tendo em sua vida a vivência na favela e o desejo de estar no espaço letrado é constituída a partir dessas relações. Podemos perceber isso a partir de seus livros *Quarto de despejo- diário de uma favelada* (1995) e *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada* (1961).

2.1- A BUSCA IDENTITÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A partir de *Quarto de despejo- diário de uma favelada* (1995) e *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada* (1961) é possível refletir sobre a busca identitária da protagonista dos dois romances. Em *Quarto de despejo* (1960) há uma busca incessante da narradora-personagem pelo reconhecimento do público e em se autoafirmar como escritora, como meio de sair de seu quarto de despejo, da sua pobreza e mazelas.

Em *Casa de Alvenaria* (1961), a narradora relata em seu diário suas insatisfações após a publicação de sua primeira obra que contempla os anos de 1960 e 1961. O diário tem início no dia 5 de maio de 1960 e se encerra em 26 de maio de 1961. A escrita abordará a vida da autora após a publicação de *Quarto de despejo*, quando ela ocupa determinados espaços que

antes não frequentava, como faculdades, casa de políticos e até viagens de avião. No entanto, Carolina Maria de Jesus ainda não se sente pertencente à sala de visitas, como ela própria denomina esse lugar privilegiado. Observamos que o status literário da personagem-autora, por ser negra, mãe-mulher, e favelada, é algo que a distância do sistema letrado e se transforma em sentença negativa sobre sua autoria.

Santos (2015, p. 11) considera que “abordar a identidade de uma pessoa, especificamente de uma favelada, é procurar compreender o entrelaçar das falas em diálogo com conceitos que lhe dão uma forma como espaço, território, cultura e tempo (memória e história)”. Dessa forma, compreendemos que as obras de Carolina Maria de Jesus são a representação da narradora-personagem por sua identidade pessoal, imersa na percepção do lugar no qual vive. Ela buscava novas possibilidades para sua vida, uma forma de emancipação daquele cenário, queria uma vida digna “[...] Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás.” (JESUS, 1995, p. 164), “Por isso que eu digo que a favela é o Gabinete do diabo.” (JESUS, 1995, p. 157), “Cheguei no inferno.” (JESUS, 1995, P. 13), compreendemos que apesar de Carolina Maria de Jesus nunca, até então, ter feito parte de um lugar socialmente privilegiado, sentia que a favela não era o ambiente ao qual pertencia e gostaria de ficar.

Carolina Maria de Jesus ao relatar em seu diário a percepção dos moradores da favela do Canindé e ao abordar questões que fazem parte da própria favela como as brigas, a fome, os problemas enfrentados pelas mulheres, entre outros, mostra sua construção a partir do outro. Ela percebia o espaço que ocupava na favela do Canindé, por ter seu diferencial da leitura e da escrita sentia que era de alguma forma superior aquelas outras pessoas, “—Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter.” (JESUS, 1995, p. 150). Ao dizer que “vou mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês”, a autora se coloca fora daquele âmbito, ela não se inclui no discurso, porque acredita estar em um local diferente dos moradores daquela comunidade, por isso a escrita era para ela uma forma de fuga da realidade e de denúncia, pois queria se libertar daquela vida que tinha.

E ainda:

Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal educados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendome, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade. (JESUS, 1995, p. 13)

Mais uma vez ela usa a escrita como sua arma que a distancia daquelas pessoas da favela e ao mesmo tempo como ferramenta que poderá mudar sua vida.

Lara Santos (2015, p.43) argumenta que “Uma questão primordial a ser considerada no estudo da identidade é que a mesma se constitui apenas através da relação com outros indivíduos.”. Dessa maneira, o questionamento de quem era Carolina Maria de Jesus e sua identidade pode reverberar em suas raízes, ao conhecermos de onde Carolina veio e por tudo que passou em toda sua vida.

A escritora trabalhava como catadora de lixo e ferro velho e teve pouco acesso à educação formal. Permaneceu morando na favela por mais de vinte anos e só após a publicação de seu primeiro livro conseguiu realizar seu grande sonho que era sair da favela. Carolina Maria de Jesus, em seu livro, relata várias vezes esse sonho, como se pode observar no trecho “... Estou residindo na favela. Mas se deus me ajudar hei de mudar daqui” (JESUS, 1960, p.17). Percebe-se que autora vê a literatura como uma forma de emersão, um caminho para realizar projetos que estão vetados àqueles que ocupam o mesmo *locus* social que ela.

Desde seu nascimento, Carolina Maria de Jesus se deparou com as incertezas e injustiças da vida do negro. Tom Farias, em seu livro *Carolina uma biografia* (2018), mostra de onde a escritora veio e a história que está por trás da vida de Carolina Maria de Jesus:

O tempo em Sacramento, estava bastante estagnado, para não dizer atrasado. Tudo permanecia como nos primórdios escravistas, de mistura com a Colônia e o Império. Tanto nas relações sociais, quanto nas relações do mundo do trabalho. A diferença permanecia única e crítica: o povo (negros em sua maioria) continuava a ser pobre, muitas vezes miserável, como na época do eito, e o branco (na sua esmagadora minoria) continuava a ser rico, abastado e preconceituoso, como quando era senhor de negros africanos e brasileiros escravizados. (FARIAS, p.14, 2018)

Se a identidade do indivíduo é formada por suas vivências, percebemos que Carolina Maria de Jesus foi marcada pela crueldade e pela vontade de mudança, desde seu nascimento o lugar da narradora-personagem foi estabelecido. Ao morar em uma cidade que ainda vigorava uma visão escravocrata, isso já parecia ser uma delimitação dos espaços que uma mulher como ela poderia chegar, pois era muito comum que homens e mulheres negros não frequentassem a escola e desempenhassem trabalhos braçais, não se distanciando daquele período da escravidão. Farias (2018, p. 25) alega que “Negros letrados, donos de grandes terras, endinheirados, com poder político e econômico, eram muitíssimos raros, sobretudo, nessa minúscula região mineira (região de Sacramento).”

Sendo assim, as relações sociais que Carolina Maria de Jesus estabeleceu durante sua vida eram marcadas pela subalternidade, porém ela também era influenciada por suas leituras, apesar de sua pouca educação formal, dedicou-se à leitura e à escrita. Se a identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, como alega Ciampa (1987), Carolina Maria de Jesus apresenta-nos sua multiplicidade ao percorrer diferentes caminhos durante sua vida e construir sua identidade a partir deles.

FIGURA 8- Carolina num flagrante em
uma rua da favela



Fonte: Farias (2018, p. 183)

2.2 – A MULTIPLICIDADE DOS PAPÉIS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Os papéis sociais que desenvolvemos no dia a dia formam nossa identidade, somos atravessados pelas condições, sociais, culturais e históricas para enfim formamos nossa totalidade. Dessa forma, a identidade de Carolina Maria de Jesus é constituída para além de sua classe social, cor e gênero a tornando um “sujeito completo, ainda que contraditório e marcado por conflito e tensões.” (SANTOS, 2015, p. 65)

Compreendemos que ela exerce diferentes papéis, mas na obra a pluralidade de Carolina de Jesus é exercida de maneira mais enfática na favela. Ao desempenhar diferentes identidades em apenas um local a autora-personagem é marcada pela sua condição de pobreza. No entanto, ela se vê diferente dos outros habitantes daquele lugar porque ela sabe e gosta de ler e escrever, e seu letramento se constrói nas ruas por onde ela circula como catadora, catando.

Em alguns trechos em *Quarto de despejo* a narradora se coloca distante das pessoas da favela e de suas ações na tentativa de mostrar que não pertence aquele lugar “se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno” (JESUS, 1995, p. 24); “O desgosto que tenho é residir em favela” (JESUS, 1995, p.19). Carolina Maria de Jesus, embora moradora daquele lugar, não se sentia pertencente a ele, sua identidade foi sendo construída a partir da observação das pessoas que a cercavam, seja na favela, seja pelas ruas de São Paulo, como mostra Santos: “Seu texto é um relato do cotidiano, direto e cru, onde se constrói uma representação forte de si e do outro e (única) da dinâmica social urbana, vista por aqueles que foram lançados à margem.” (SANTOS, 2015, p. 12) logo, sua pluralidade identitária não pode ser exercida somente na favela.

Carolina Maria de Jesus percebe no outro aquilo que ela não quer ser e escreve sobre isso buscando se diferenciar e aproximar daquele ambiente que ela tanto preza que é o sistema letrado. Santos (2015, p.65) afirma que “É na interação com o “outro” que o “eu” realiza sua existência e se percebe, se identifica.”, o que acontece com Carolina Maria de Jesus, a identificação se dá pela rejeição daquele lugar: “Favela, sucursal do inferno, ou o próprio inferno” (JESUS, 1995, p.145)

Em sua busca por ser escritora, Carolina Maria de Jesus desenvolve sua identidade autoral que é determinada por algumas características como ser negra, mãe-mulher, favelada e poeta (SANTOS, 2015). A identidade também é marcada pela oposição entre ela e seus vizinhos. Assim, sua identidade autoral era marcada pela diferenciação entre ela e os outros moradores da favela, já que ela lia e escrevia, que fazia com que ela se visse de uma maneira diferente.

A escritora procura uma mudança de vida na projeção de sua identidade letrada, buscando introduzir-se em outros espaços que para ela não eram permitidos. No entanto, essa “quebra” do sistema letrado de Carolina influenciou no engendramento de uma identidade contraditória por assumir diferentes identidades em diferentes situações. Ao refletirmos sobre a busca da identidade, percebemos que se trata não apenas de uma demanda científica ou acadêmica, ou uma procura centrada no sujeito. Essa busca nos leva a atentar sobre as questões sociais e políticas que são formadas por trás das identidades dos indivíduos.

Santos (2015) considera que ao lermos a obra de Ciampa, compreendemos que é necessário olhar e valorizar os sujeitos que, de alguma forma, buscam novas possibilidades para suas vidas. Carolina de Jesus revela sua identidade coletiva ao lembrar a carga que é deixada sobre aqueles que carregam em si a cor preta, fazendo referência aos negros que por tanto tempo foram escravizados e tiveram suas identidades ocultadas. Amparada por Candau, Silva afirma que

No caso de uma utilização coletiva, o termo “identidade” pode ser utilizado com um sentido mais amplo, como “semelhança”, utilizando-se do conceito de “representação” segundo o qual os indivíduos se percebem e “produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo” (SILVA, 2019, p.106, apud CANDAU, 2016, p. 25-26)

Para Cuti, a identidade também é marcada pela complexidade e pluralidade de um grupo e reflete sobre os sujeitos inseridos nele: “Entretanto, se uma pessoa não tem identidade alguma, ela não tem parâmetros nem desejo para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver” (CUTI, 2010, p.85).

Carolina Maria de Jesus tinha uma identidade muito marcada em sua obra. *Quarto de despejo* apresenta uma denúncia e desabafo de uma moradora da favela que desde muito cedo teve que aprender a superar as barreiras da pobreza e do preconceito.

Como foi exposto anteriormente, mesmo após a abolição da escravatura, alguns lugares ainda se encontravam sob a opressão do período escravocrata. Sacramento, a cidade onde nasceu Carolina Maria de Jesus no final do século XIX fazia parte dessa realidade. Tom Farias (2018) reflete que os trabalhadores negros da cidade de Sacramento ainda trabalhavam de maneira desumana, fizesse chuva, fizesse sol: “A origem escravocrata era o registro ancestral que marcava a vida da grande maioria dessa população, desde os seus primórdios, no século 18, ainda sob o domínio dos bandeirantes.” (FARIAS, 2018, p.11). Destarte, a vida e identidade de Carolina Maria de Jesus foram forjadas em um lugar de inferioridade desde seu nascimento, uma vez que a ideologia da superioridade branca ainda fazia parte do contexto social da autora.

Tendo em vista que a identidade é formada pela relação com outros indivíduos e leva em conta aspectos socioeconômicos, históricos e vivências dos sujeitos, temos Carolina Maria de Jesus como uma mulher que apresenta várias faces que não podem ser menosprezadas: que escreve sobre sua relação com seus vizinhos – aspectos positivos e negativos; sobre o mundo que encontra fora da favela ao sair para catar papel; a Carolina mãe, pobre e negra, que luta bravamente pelos seus filhos e mantém um bom relacionamento com eles; Carolina sujeito crítico e político ao nos mostrar outra versão de si preocupada com a falta de intervenção política que realmente mude a vida da comunidade do Canindé; a Carolina leitora e escritora que reflete sobre si mesma e sobre o papel da escrita e da leitura em sua vida.

Todas essas nuances fazem parte de uma só pessoa que é Carolina Maria de Jesus, mostrando que a identidade é constituída dentro de um processo social e que ela assim como todos indivíduos estão expostos a diferentes situações que cobram posicionamentos variados, pois a partir da nossa relação com a sociedade vamos transitando e mudando nossas opiniões, pensamentos e valores.

Dessa maneira, Lara Santos (2015) amparada por Antônio C. Ciampa (1999) aponta que “a identidade é construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia-a-dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas.” (p.43). A identidade de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* é envolta pelo desejo de mudança de vida, constituída pelas relações que constrói durante sua trajetória na favela,

O processo de mudança é constante e Carolina tornou-se algo que não era ou tornou-se algo que já era e que estava embutido dentro de si. Em cada momento de sua vida, embora seja ela uma totalidade, manifesta-se partes de si como desdobramento das múltiplas determinações as quais está sujeita. Isso configura sua identidade como algo não fixo e sim mutável, uma construção, um efeito, processo de produção e até mesmo um ato performativo. Ligada a estruturas discursivas, narrativas e ainda a sistemas de representação. (SANTOS, 2015, p. 17)

Sendo assim, a individualidade de Carolina Maria de Jesus é constituída a partir de suas relações sociais, suas experiências como sujeito e suas leituras que a forjavam seu mundo ideal, aquele espaço letrado que queria fazer parte.

A Identidade está sempre em um processo de formação, visto que estamos em constante contato com o outro e a partir dessas relações que nossa identidade é forjada, embora cada indivíduo nasça com o seu “eu”, sua essência, essas características vão sendo modificadas a partir das relações exteriores

Tais modos de produção identitária caracterizam a identidade como articulação de várias personagens, configurando a igualdade e a diferença, a própria metamorfose. Enquanto atores de nossa história, necessitamos de personagens para representar e nos concretizar, numa metamorfose, na relação entre os variados papéis representados. Assim, a manifestação do ser é sempre uma atividade. (SANTOS, 2015, p.45)

A identidade de Carolina Maria de Jesus é marcada pela flexibilidade e alternância, já que ela desenvolve papéis diferentes. Além disso, sua obra é marcada também pela tentativa da autora em marcar sua identidade como poetisa, como escritora e pertencente ao mundo letrado.

Miriam Monaco Mota (2011, p.7) pondera que: “Sabemos que a identidade não se constrói isoladamente, mas em interação com outras pessoas em circunstâncias históricas concretas”, de modo que essa identidade de Poeta de Carolina Maria de Jesus se torna de certa maneira contraditória, pois o lugar a qual ela pertencia não lhe dava respaldo para querer ser aquilo que ela almejava.

Silva (2019) reflete sobre a identidade contraditória de Carolina Maria de Jesus:

Ao perceber que o racismo, as diversas formas de violência, o descaso, a luta pela sobrevivência, a luta para ser reconhecida como escritora, e outras tantas “batalhas” acompanharam Carolina Maria de Jesus em sua trajetória, independente de estar na favela ou no bairro de classe média, a escritora procurou agir corajosamente e passionalmente conforme podia ou sabia, o que muitas vezes parecia algo contraditório. (SILVA, 2019, p. 108)

Ao conseguir alcançar seu status de escritora, Carolina Maria de Jesus se viu em um mundo completamente diferente daquele já vivido, sua forma de pensar e agir serviu para que a mídia fizesse de Carolina um produto passível de manipulação, ela não havia aprendido a se defender de tais ataques e não encontrou alguém que realmente a pudesse entender.

Essa identidade de Carolina Maria de Jesus que não é fixa e, por vezes, é até contraditória, é encontrada na pós publicação de *Quarto de despejo*, agora a escritora estava em contato com outros elementos, como a mudança aparente de sua situação financeira, a mudança de local onde vive, a inserção na engrenagem do mercado do livro e das leis do mercado. Quando publica seu primeiro livro, Carolina vê que é forjada uma identidade literária por seus editores, o que não deixa de se amalgamar à imagem global da escritora pelo público.

Hall observa que a formação da identidade se constitui entre a identidade e a identificação. Nesse sentido Mota afirma que “A identificação diz respeito ao sujeito, identificando-se com um determinado grupo, com determinadas pessoas ou, ainda, a partir de

um ideal comum” (MOTA, 2011, p.7), ao se deparar com sujeitos que ela queria estar, Carolina Maria de Jesus, apesar de querer pertencer aquele lugar ainda não se sentia abraçada e aceita.

Enquanto durante a escrita de seu livro ela projeta e idealiza sua saída da favela a identidade é marcada pela oposição entre quem é Carolina e quem são aqueles com quem ela convive, ela que se sente parte de outro lugar, mas que está presa à favela e sente que mudanças são necessárias para que ela realmente se sinta parte de algum lugar: Como ela está situada no lado marcado, desfavorecido socialmente e tem consciência da sua localização marginal, deseja pela posse e força da palavra mudar sua conjuntura social e, portanto, sua contingência identitária. Transforma-se de leitora em escritora com obra publicada. (MOTA, 2011, p.10)

A busca pela compreensão de sua identidade marca a obra e vida da escritora, uma vez que decide colocar no papel suas angústias e mostrá-las ao mundo, pois, muito antes de Audálio Dantas⁶, Carolina Maria de Jesus já havia tentando publicar seus escritos e revelar sua identidade autoral, já que “Estudar o autor é buscar no texto a pessoa” (CUTI, 2010, p.56)

A importância de conhecer a identidade de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de despejo* e depois em *Casa de Alvenaria* marca a relevância de se compreender sua obra que é constituída por diferentes cenários e discursos. Se a identidade é formada a partir da diferença, ou seja, de perceber no outro aquilo que não sou, da história, da linguagem e cultura, esses elementos são essenciais na vida e livros da autora:

Só em se apresentar como Carolina autora, Carolina narradora e Carolina personagem, Maria de Jesus assume identidades que representam as várias faces de uma pessoa. Identidade multifacetada que pode ser percebida ao longo de seu diário: (eu) mulher favelada, catadora de papel, ligada ao mundo exterior de miséria, de luta, de amargura e ao seu mundo interior: triste e alegre, ao mesmo tempo; (eu) escritora impregnada de sensibilidade diante da vida. A escrita e a leitura são o elo que harmoniza os “eus”, a maneira de fugir da fome, o lado lúdico de encarar a vida. (MOTA, 2011, p.13)

Dessa forma, *Quarto de despejo* é o reflexo da criação de Carolina Maria de Jesus que perpassada por diferentes papéis ecoa na sua escrita e representa grupos que se encontram em situações semelhantes as dela e “Carolina cria uma representação de si e do outro para tratar da complexidade em que vive.” (SANTOS, 2015, p.49)

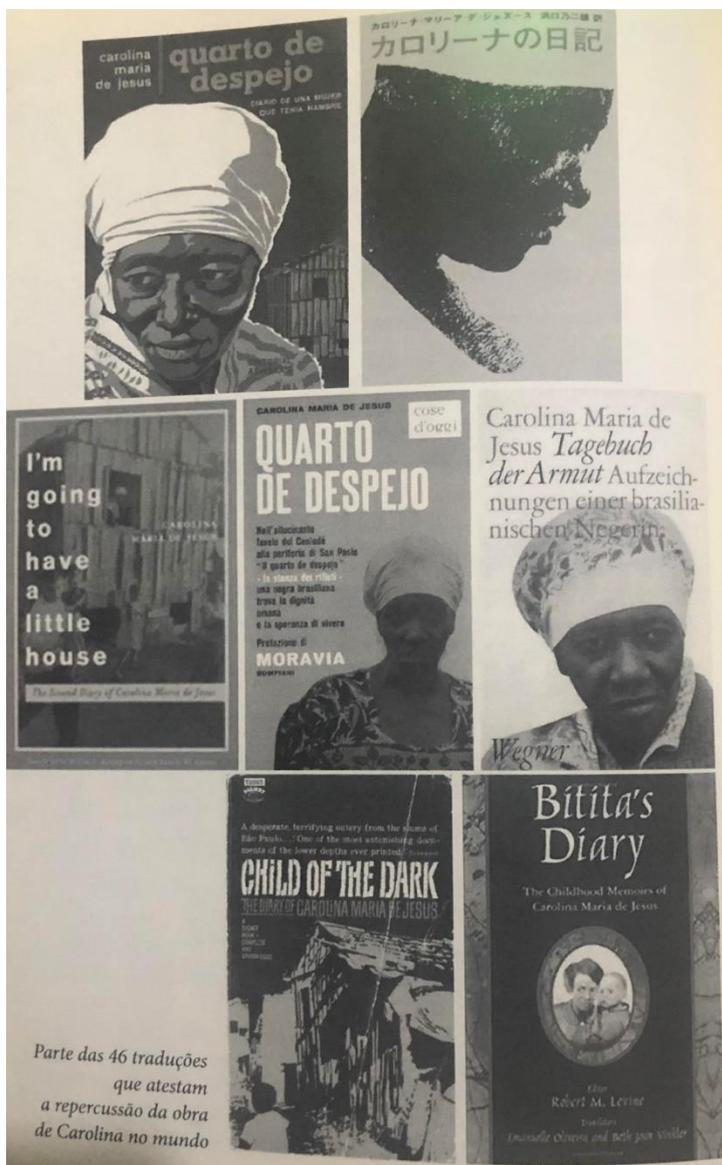
⁶ Audálio Dantas é o jornalista responsável pela publicação de *Quarto de despejo*.

FIGURA 09 - Uma das últimas fotografias de Carolina na favela



Fonte: Farias (2018)

FIGURA 10 – Parte das traduções
de *Quarto de despejo*



Fonte: Farias (2018)

CAPÍTULO 3

A IDENTIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM CASA DE ALVENARIA

Quarto de despejo é o marco inicial da carreira de Carolina Maria de Jesus como escritora, é uma obra importante que reflete sobre o lugar, os pensamentos e a vida da autora. Ela deixa bem claro que sua maior vontade é fazer parte do sistema literário brasileiro, isso seria o que possibilitaria a transformação de vida da narradora, sair da favela e ir para sua casa de alvenaria, sair da miséria e ter a dignidade de ter comida todos os dias em casa, tirar seus filhos de um ambiente que ela considerava hostil e perigoso e dar a eles uma educação formal, um lugar seguro para brincarem.

Carolina Maria de Jesus buscou essa renovação de vida durante muitos anos, por doze anos residiu na Favela do Canindé e nunca deixou de sonhar por uma vida mais justa e digna, lutava bravamente para ter o alimento para os seus filhos e para ela, porém ainda assim todos os esforços de Carolina pareciam não ter resultado. Em *Quarto de despejo* ela relata diariamente sua angústia sem saber o que teriam para comer no outro dia, embora trabalhasse muito, o futuro era para ela muito incerto, como constatamos nos fragmentos: **15 DE JULHO DE 1955** Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. (JESUS, 1995, p. 9). **16 DE JULHO** Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. (JESUS, 1995, p. 9). **22 DE JULHO** ... Tem hora que revoltado com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo. (JESUS, 1995, p. 22).

Esses são alguns excertos que mostram um pouco da luta da narradora-personagem ao colocar em palavras os sentimentos que a abatiam diariamente. A fome era com certeza algo que mais a assustava e tirava-lhe a paz. Todos esses momentos os quais Carolina Maria de Jesus era protagonista, rendeu-lhe experiências dolorosas e profundas que fizeram com que ela desejasse tanto uma mudança de vida. Desde pequena, Carolina passou por situação difíceis, em 1923 com nove anos de idade teve que deixar o colégio Allan Kardec onde estudava para trabalhar, não era algo que ela queria fazer, mas o tinha, Farias (2018) aponta que Carolina fez

isso muito contrariada, era uma decisão de sua mãe, e por isso ela tinha que obedecer, precisava parar de estudar e começar a trabalhar para ajudar sua família.

Desde então Carolina Maria de Jesus não pode mais se dedicar aos estudos formais, o seu tempo era dedicado ao trabalho, saiu da cidade de Sacramento e foi morar no campo, após algum tempo ela e sua mãe Cota voltaram para a cidade e Carolina Maria de Jesus começou a trabalhar como empregada doméstica. Farias (2018) ao abordar a vida da autora observa que

No âmbito profissional, ela vai experimentar grandes decepções na convivência com o ser humano, sobretudo quanto à exploração de sua mão de obra. Nova, ingênua e sobretudo, sonhadora, acreditava que podia vencer e mudar de vida usando sua força produtiva de trabalho, acordando bem cedo e sendo prestativa e educada com seus patrões. Depois de inúmeras vezes enganada, ludibriada e humilhada, Carolina foi, à força, caindo em si: tornou-se uma pessoa muito amargurada com tudo e com todos, além de desconfiada e seca. (FARIAS, 2018, p. 71)

Dessa maneira, a vida e a identidade de Carolina Maria de Jesus são constituídas por momentos difíceis que a marcaram profundamente alterando sua visão sobre o mundo e as pessoas que a cercavam. Além disso, uma enfermidade a acompanhou durante muitos anos de sua vida, um conjunto de feridas nas pernas que só cicatrizaram após anos de tratamento e que como consequência ficaram cicatrizes que envergonhavam Carolina e a faziam usar meias para poder escondê-las.

Era certamente uma vida marcada por dificuldades em muitas áreas da vida, contudo ela persistiu e resistiu as mais diversas batalhas para que pudesse ir atrás de suas idealizações, acreditando que em algum momento as coisas se transformariam e a permitiriam viver uma vida grandiosa onde, principalmente, a fome não a acompanharia mais.

3.1 CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA IDENTIDADE ARTÍSTICA

Todas essas vivências foram transformando Carolina Maria de Jesus, foi a modificando e ela foi tornando-se uma mulher de opinião forte e um pouco indisciplinada, como Farias (2018) aponta, pois, ao começar a trabalhar como empregada doméstica não parava em seus empregos “A vida trabalhista de Carolina, de patroa em patroa, de residência em residência, a deixava cada vez mais pesada e desorientada.” (FARIAS, 2018, p. 102) aquele era um espaço onde Carolina não se sentia à vontade e não gostaria mais de ocupar.

As ambições de Carolina Maria de Jesus era ser artista, não tinha um bom desempenho em seus empregos porque não era algo que ela queria fazer para o resto da vida. Farias (2018) conta que “Como cozinheira, enquanto a comida estava no fogão, que era a lenha, ela lia,

esquecendo o momento de tirar a panela do fogo.” (FARIAS, 2018, p. 102) “Quando trabalhou nas casas do Rio de Janeiro, foi mandada embora porque ficava escrevendo poesia ou lendo na hora do trabalho.” (FARIAS, 2018, p.142) e ainda:

Carolina Maria deixou, em manuscritos, alguns relatos desse convívio. Em um deles, fala da sua luta de consciência. Diz que quando “era empregada doméstica trabalhava com má vontade”, porque “o meu desejo era ser artista.” Registrou também que quando via “uma artista no palco invejava-a.” Nos dias de folga, no entanto, ia ao teatro visitava as rádios ou ia às redações dos jornais, como “O Dia”, onde se encontrava com o jornalista Francisco de Sá, para quem ela lia seus versos. (FARIAS, 2018, p. 142)

Embora um espaço de subalternidade tenha sido reservado a Carolina Maria de Jesus, ela não o aceitava, sabia que queria uma vida melhor e sabia como poderia alcançar essa mudança. A metamorfose da escritora seria pelas letras, pela leitura e pela escrita.

Mesmo antes de começar a escrever *Quarto de despejo*, ainda em sua juventude e suas andanças, Carolina Maria de Jesus se destacava por saber ler e escrever. Ela morou em diferentes cidades como Franca em São Paulo, Rio de Janeiro e no âmbito rural, sempre em busca de novas oportunidades de trabalho. Nesses lugares ocupou os cargos de doméstica, cozinheira e babá e apesar da difícil convivência com os patrões e a falta de leis trabalhistas que pudessem assegurar certa dignidade aos empregados, Carolina Maria de Jesus se distingue dos demais funcionários pelo seu gosto pela literatura e escrita. Tom Farias (2018) aponta que

[...] nas condições de colono e de empregada doméstica, onde o bem estar do ser humano é posto de lado, sua única e pequenina vantagem, como escudo de defesa pessoal, era saber ler e escrever. Isto a diferenciava das demais pessoas, especialmente dos empregados de campo das fazendas ou mesmo dos domésticos, que eram, em geral, analfabetos, embora isso não representasse muita coisa. (FARIAS, 2018, p. 70)

Dessa forma, observamos que a crença na literatura como um agente transformador de vida é algo latente em Carolina Maria de Jesus. Se ela não podia ocupar lugares formais como escritórios, lojas, escolas, entre outros, ela acreditava que poderia romper as amarras de um sistema discriminatório e excludente usando a literatura como sua arma de libertação.

Ela acreditava bastante nessa visão catártica da literatura, ou seja, o efeito da denúncia e do protesto, e compreendia a educação como uma forma de afirmação de um indivíduo na sociedade. Além de se diferenciar dos demais companheiros de trabalho usando a instrução

como característica marcante, ela ainda usava desse marcador de sua identidade para confrontar aqueles que por algum motivo a diminuísse como ser humano

Falando ainda desse “lugar” de empregada doméstica que muito a incomodava, certamente pelos constantes maus tratos que sofria, Carolina Maria revelava, como uma forma de protesto, que “se o patrão me despedia eu deixava um verso escrito na parede para exasperar as patroas.” E deu exemplos de alguns desses versos, os quais mostrava seu desespero com algo que cada vez mais a sufocava. (FARIAS, 2018, p. 142)

A literatura era então o esteio, a fuga e a mudança de Carolina Maria de Jesus, ela a usava para denunciar, alertar, confrontar e confortar as pessoas ao seu redor, como também, a ela mesma.

O amor e a dedicação à literatura foram para Carolina Maria de Jesus o oásis que ela podia se refugiar das amarguras da vida e da falta de oportunidade que teve durante sua jornada, acreditou bastante no que queria e foi atrás de sua publicação. O sonho se torna realidade com *Quarto de despejo* que é sucesso absoluto no ano de sua publicação. Carolina Maria de Jesus de um dia para o outro saí do seu quarto de despejo e adentra a sala de visita, sua imagem começou a circular nos jornais e ela passou a ser reconhecida nas ruas pelos leitores, era o holofote, o sucesso, e a mudança que tanto buscou se tornando tangível.

A vida da autora começou a mudar com a publicação de seu livro, no entanto até mudar-se para sua casa de alvenaria Carolina Maria de Jesus teve que esperar um pouco. Em *Casa de Alvenaria* a autora retrata sua vida pós-publicação e no início de seu livro percebemos que embora publicada, ainda catava lixo na rua e a fome era sua companhia constante. Dessa forma, a mudança de vida demorou um pouco, embora o título do livro seja *Casa de Alvenaria- Diário de uma ex-favelada*, essa alcunha de moradora da favela perseguiu Carolina durante muito tempo. Em sua obra contando suas peregrinações depois de conhecida e reconhecida pelo público Carolina Maria de Jesus conta que

5 de maio de 1960 levantei as 5 horas para preparar as roupas dos filhos para irmos na livraria. Não vou fazer café porque não tenho açúcar nem dinheiro para pão. Eu peguei um saco e catei latas, ferros e vidros e uns metais e fui vendê-los. Não tenho tido tempo de ir vender no senhor Manoel. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 12 de pão. O senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. Eu disse-lhe que hoje eu vou assinar contrato com a Livraria Francisco Alves para editar meu livro. (JESUS, 1961, p. 13)

Nesse mesmo dia Carolina Maria de Jesus conta que ao chegar na livraria Francisco Alves para assinar seu contrato, havia muitos repórteres no local que começaram a fotografá-la e a ler

trechos de seu livro, ganhou 2 mil cruzeiros do repórter Castro Andrade, alegrando-a e seus filhos que sabiam que teriam comida ao chegar em casa. Ela ainda diz que

Despedi de todos na livraria e fui fotografada na vitrine. Quando chegamos no ponto do bonde, levei os filhos para jantar no restaurante. Eles gostaram. (...) Era 8 horas quando entrei no empório do senhor Eduardo. Paguei-lhe 260 cruzeiros que estava devendo há muito tempo, e comprei um queijo de 180 cruzeiros, 1 quilo de açúcar e café. Mostrei o contrato para o senhor Eduardo ler e disse-lhe:

— Amanhã eu estou em todos os jornais.

Despedido senhor Eduard, que estava com os olhos fitos no meu rosto como se estivesse vendo-me pela primeira vez. O João disse-me:

— A senhora está gastando muito.

— A vida de miséria vai acabar — falei sorrindo.

Quando eu cheguei na favela estava com sono e alegre. Ergui os olhos e contemplei uma cruz. Pensei: devo rezar. O João disse-me:

— Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.

— Que é? — perguntei apreensiva, pensando — será uma coisa grave!

— Como é bom a gente comer até encher!

A ida foi triste, porque estávamos com fome. Mas a volta foi sublime.

A Vera disse:

— Viva o Audálio!

— Viva! (JESUS, 1961, p. 15)

Era o começo da transformação de vida da escritora. Por mais que ainda enfrentasse dificuldades para sobreviver via uma luz que iluminaria seu quarto de despejo e refletiria sobre sua casa de alvenaria, era o princípio da realização de um dos maiores sonhos de Carolina Maria de Jesus, ser autora publicada, tirar seus filhos da favela e ter comida todos os dias.

As aspirações de Carolina Maria de Jesus era usar a arte como um meio para modificar sua vida, ela queria se destacar por seus escritos e assim o fez. Desde que aprendeu a ler e a escrever usou esses elementos a seu favor. Em seus serviços como doméstica, embora fosse tida como uma pessoa indisciplinada, se destacava dos outros funcionários porque tinha o conhecimento das letras a seu favor, quando moradora da Favela do Canindé, sempre deixava bem claro que se via diferente de seus vizinhos, a arte e a literatura era o que diferenciava Carolina Maria de Jesus das pessoas ao seu redor, mas ao mesmo tempo a igualava a eles, já que usava seu livro para denunciar o que ela e os outros moradores viviam, usava a arte para reivindicar a dignidade daquela comunidade.

“Eu escrevi a realidade” (JESUS, 1995, p. 173) e esse foi o diferencial da literatura de Carolina Maria de Jesus que ao abordar questões pertinentes a uma coletividade chamou a atenção do mundo inteiro, levando uma mulher ao centro das atenções de um país que raramente dava espaço para uma arte como a de Carolina Maria de Jesus.

A procura pela transformação da vida de Carolina Maria de Jesus é algo que a acompanha desde cedo. Tom Farias (2018) ao tratar da biografia da autora conta que por volta de 1940 e 1942 ela residiu na cidade do Rio de Janeiro afim de buscar mudanças, Farias alega que

Certamente, a passagem de Carolina Maria pelo Rio de Janeiro, até então desconhecida dos biógrafos da escritora e da poeta sacramentoana, deve ter ajudado muito na formatação da sua personalidade, sobretudo, para ela, que perseguia com toda a fúria o desejo de ser escritora, ou melhor, se tornar uma grande poeta da época. (FARIAS, 2018, p. 135)

Ela acreditava que o Rio de Janeiro seria um lugar que a ajudaria a obter mais conhecimento cultural, por ser na época um lugar com muitos teatros, livrarias e cinemas, e grandes escritores eram encontrados facilmente na cidade. Farias (2018) cita que Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros autores, eram figuras recorrentes na cidade maravilhosa. Como Carolina Maria de Jesus ambicionava fazer parte do sistema letrado sabia que o Rio de Janeiro poderia ser o início de sua carreira.

Por sua passagem pelo Rio de Janeiro ia as rádios com intuito de conseguir outros empregos que não fossem o de doméstica, cozinheira ou babá. Em entrevista ao jornal *A noite* no dia 9 de janeiro de 1942 ela disse que

Quero um emprego, por exemplo, numa casa editora, onde eu pudesse escrever, escrever e só escrever... compreendeu? Tenho de descarregar a cabeça de toda esta inspiração que me atormenta dia e noite. Já sei que as patroas não gostam de cozinheiras que saibam fazer versos, como eu. Talvez haja nisso um pouco de inveja... (FARIAS, 2018, p. 137)

O lugar que historicamente havia sido determinado para mulheres negras e pobres como Carolina Maria de Jesus não lhe cabia mais, ela almejava lugares os quais seria vista e reconhecida por sua arte. Durante sua moradia no Rio de Janeiro, a autora fazia visitas constantes aos cinemas e teatros, também lia muito, e isso resultou em aprofundamento cultural em Carolina Maria de Jesus. Ainda nessa perspectiva, Faria aponta que

Com isso [Carolina Maria de Jesus] vai batendo nas portas dos jornais, visitando os profissionais das redações, para galgar oportunidades que não sejam as de beira de fogo, de tratos com patrões incultos, ignorantes de leitura e de cultura. Está enojada de tudo isso, ainda mais quando tinha depositado todas as suas esperanças de vida e de futuro numa cidade como a de São Paulo. (FARIAS, 2018, p. 138)

Contudo, mais uma vez a escritora não recebe aquilo que procurava no Rio de Janeiro, as oportunidades não aconteceram, não lhe deram espaço para mostrar sua arte e ela teve que voltar a São Paulo para viver da exploração de sua mão de obra.

Com sua volta a luta constante permanece e o sonho de ser escritora também, e alguns anos depois decide escrever *Quarto de despejo*, e finalmente irá receber seu status de escritora, feliz com sua realização e o sucesso de seu primeiro livro publicado. Carolina Maria de Jesus decide escrever sobre as transformações que ocorreram em sua vida em *Casa de Alvenaria*, porém, esse livro se tratará de um espaço diferente, agora ela irá falar sobre a sala de visitas como estes receberiam ela e seus filhos nesse lugar privilegiada socialmente, a autora irá ser introduzida nesse lugar novo, e ela acreditava que participaria e seria recebida nesse ambiente de maneira tranquila, porém, ela irá se deparar com dificuldades semelhantes as já vividas na favela, como a falta de solidariedade dos vizinhos.

Casa de Alvenaria, diferentemente de *Quarto de despejo*, é uma obra escrita com uma certa garantia de que seria publicada, visto que, devido ao sucesso de seu primeiro livro, as livrarias já estavam atentas aos escritos de Carolina Maria de Jesus e aos lucros que a obra poderia arrecadar. O jornalista Audálio Dantas ainda é o editor do livro e deixa claro na apresentação da obra que

O tratamento dado a *Casa de Alvenaria* foi o mesmo que dei a “Quarto de despejo”. Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. o que fiz foi algo semelhante a uma montagem de filme. Os originais estão guardados para possível confronto. (JESUS, 1961, p. 9)

As obras se assemelham ao pertencerem ao gênero diário, porém se diferenciam a partir do lugar da narrativa, antes Carolina Maria de Jesus pertencia ao quarto de despejo⁷, agora está na sala de visitas e vai escrever a partir de uma nova perspectiva.

3.2 QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA

Casa de Alvenaria se difere de *Quarto de despejo* em alguns pontos. Naquele, em seu início, tem-se uma Carolina Maria de Jesus um pouco mais contente, ela fala como sua vida e a de seus filhos têm sido transformada pelo simples fato de ter o alimento à mesa constantemente, como observamos nos excertos

⁷ Carolina Maria de Jesus usa a expressão quarto de despejo como um lugar para o qual os pobres eram mandados pelos governantes da época e sala de visitas como a cidade grande onde as pessoas com boas condições financeiras moravam.

6 de maio levantei as 4 horas. Quando cheguei na favela fui preparar o almoço para os filhos. As crianças vem dizer-me que me viu nos jornais. Hoje eu sou a sensação do bairro. Preparei o almoço: arroz, feijão e bife milanês e salada. O João gostou da comida e gritou:

— Viva a Dona Carolina!

Sorri. Êle olhou-me por longo tempo e disse-me:

— Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar.

Eles estão alegres porque comeram. (JESUS, 1961, p.16)

7 de maio Não fui comprar pão. Os filhos comeram queijo. O João modificou-se. Está mais calmo e sempre sorrindo. Quantas vezes eu disse-lhe:

— João, você é muito bruto!

Mas agora que temos o que comer em casa, êle transformou-se. (JESUS, 1961, p.16)

E ainda, “**17 de maio** A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela.” (JESUS, 1961, p. 22)

Já em *Quarto de despejo* é difícil encontrar traços de felicidade em Carolina Maria de Jesus e em seus filhos, o que se faz totalmente compreensível, uma vez que neste ela escreve sobre suas lamúrias e dos moradores da favela do Canindé. Percebemos que *Casa de Alvenaria* retratará uma Carolina diferente e ainda mais marcada por sua história de vida, pois ao adentrar ao ambiente letrado se vê em certos momentos impossibilitada de realizar seu sonho de escritora e artista integralmente, pois além de autora, era cantora, compositora e escrevia poesias, queria ir mais adiante e se fazer conhecida para além de seus diários.

[..] Eu disse-lhe que ia pedir emprego na radio para ser dramaturga. O Ronaldo acha que não. Que eu devo escrever. Eu queria ir para rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo anulando os meus projetos. [...] Eu posso cantar! Posso incluir-me no radio como dramaturga e ele não deixa. (JESUS, 1961, p. 27)

Como também: “Eu mostrei os sambas que estou compondo e queria gravá-los. Mas o repórter disse-me que escritor não pode cantar. Que as profissões são divididas — cantor é cantor, escritor é escritor. Eu queria ir para a radio.” (JESUS, 1961, p. 31). Percebemos que havia um conflito de cosmopercepção, mas também um conflito de interesses.

Casa de Alvenaria é o indício da transição de Carolina Maria de Jesus para um mundo novo, um mundo onde ela era prestigiada, assediada, mas também perseguida, objeto para matérias sensacionalistas a seu respeito. Ao adentrar um espaço diferente, Carolina Maria de Jesus rompeu com estruturas rígidas de um sistema excludente, ela era agora a mulher negra,

moradora da favela, mãe solteira e de origem humilde que escrevia e vendia livros. *Quarto de despejo* tornou-se Best-seller, mas não deixou de ser alvo de críticas fundadas apenas no preconceito e na tentativa de diminuir escritores como Carolina Maria de Jesus, que sabendo disso declarou em sua obra: “Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre.” (JESUS, 1961, p. 26)

Ela tinha o seu ideal e acreditou nele até consegui-lo, porém isso não foi o suficiente para protegê-la das dificuldades que vieram pós-publicação. Carolina Maria de Jesus se via agora cercada de gente, repórteres, fotógrafos, leitores, mas também pessoas que queriam prejudicar sua carreira. Em *Casa de Alvenaria*, a narradora-personagem conta sua trajetória e nos mostra que passar por esse processo de publicação e sucesso foi enfadonho, estava viajando constantemente, havia muitas pessoas querendo aproveitar de sua generosidade e ainda a mídia era de certa maneira sua rival, pois os jornais adoravam criar especulações sobre a vida da autora, numa tentativa de prejudicá-la.

Carolina Maria de Jesus preocupava-se com a publicação de *Quarto de despejo* em um trecho de *Casa de Alvenaria* ela se pergunta: “Fico pensando o que será de “Quarto de despejo”, umas coisas que eu escrevia há muito tempo para desafogar as misérias que enlaçava-me igual o cipó quando enlaça nas árvores unindo todas.” (JESUS, 1961, p. 29), ela não sabia que um árduo e tortuoso caminho começaria a sua frente:

13 de agosto ...Comecei a preparar o almoço, arroz, feijão e carne. Eu estava escrevendo enquanto as panelas ferviam, quando chegou um senhor da livraria e d disse-me que o repórter vinha trazer o meu livro. Já fiquei alegre.

— Já está pronto?

— Já.

Fiquei ansiosa para vê-lo e pedindo a Deus para que o repórter chegasse. [...]

O repórter desembrolhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse

— O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.

E li o meu nome na capa do livro.

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma favelada

QUARTO DE DESPEJO

Fiquei emocionada. O repórter sorria:

— Tudo bem, não é, Carolina?

— Oh! sim. Tudo bem.

É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. (JESUS, 1961, p. 33)

O primeiro contato de Carolina Maria de Jesus com seu sonho concretizado foi emocionante, ela compreendia que sua casa de alvenaria estava cada vez mais perto, que tudo aquilo que ela idealizou por anos era a partir daquele momento concreto.

Em *Casa de Alvenaria* é possível acompanhar dois extremos da vida de Carolina Maria de Jesus, ao mesmo tempo que está na favela está na livraria autografando seu livro: **15 de agosto** ... Aqueci água para tomar banho. Vou na livraria levar um pouco de terra para por na vitrina. [...] autografei três livros que o senhor Thomaz pediu-me.” (JESUS, 1961, p. 35), **19 de agosto** Era 4 horas e eu já estava preparando o almoço e carregando água, porque eu preciso ir na livraria autografar meu livro “Quarto de despejo”. (JESUS, 1961, p. 38). **23 de agosto** ... Fui na livraria autografar livros.” (JESUS, 1961, p. 42). Durante um tempo essa era a peregrinação de Carolina Maria de Jesus, algum dinheiro começava a entrar, todavia ainda não era o suficiente para fazer a transição para a tão sonhada casa de alvenaria.

É no mínimo desconcertante encarar essa dualidade que a narradora-personagem vive na obra *Casa de Alvenaria*, seu livro era um sucesso, mas ainda vivia na miséria, certamente a mudança é gradual, entretanto essa divergência entre os mundos de Carolina é algo curioso.

Em *Quarto de despejo* a autora declara: “**23 de junho** ... Passei no açougue para comprar meio quilo de carne para bife. Os preços era 24 e 28. Fiquei nervosa com a diferença dos preços.” (JESUS, 1995, p.63). Já em *Casa de Alvenaria*: “**8 de maio** ... Fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne. Tinha muito nervo. Graças a Deus hoje eu estou em condições de escolher a carne que quero.” (JESUS, 1961, p.17). Aos poucos a vida da escritora ia se modificando.

Os padecimentos de Carolina Maria de Jesus foram importantes para a construção de seu mais renomado livro, depois do lançamento de sua obra *Quarto de despejo*, ela começa a perceber os opostos que sua vida se inserira naquele momento, ela reconhece a importância da favela para chegar onde chegou: “A favela deu-me aborrecimentos e um fim maravilhoso.” (JESUS, 1961, p. 53) aquele lugar que outrora em *Quarto de despejo* declarava: “Favela, sucursal do Inferno, ou o próprio Inferno.” (JESUS, 1961, p. 145), serviu de libertação e materialização de sua arte.

Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada foi lançado em 1961 pela livraria Francisco Alves, diferentemente de *Quarto de despejo*, a segunda publicação de Carolina Maria de Jesus não foi bem recebida pelo público, uma série de fatores contribuíram para que isso acontecesse. *Casa de Alvenaria* retrata o crescimento da figura pública da autora. Nessa obra, ela mostra o contato direto com pessoas prestigiadas da sociedade como políticos e empresários da sociedade paulistana, ela expõe como aquele novo ambiente poderia ser mesquinho e como as pessoas ao seu redor queriam tirar proveito de seu dinheiro e fama.

Outro fator importante para o declínio de *Casa de Alvenaria* é que a autora se tornou alvo de uma mídia sensacionalista que a perseguiu e vendia a imagem de uma mulher inconsistente e ingênua, usava suas palavras para ridicularizá-la, uma tentativa de menosprezar seu importante trabalho.

O enredo de *Casa de Alvenaria* é iniciado com as declarações da narradora-personagem sobre a concretização do seu grande sonho de publicar um livro, pouco a pouco vai contando ao leitor sobre as modificações que ocorreram em sua trajetória. Nas primeiras páginas do livro é possível perceber uma Carolina esperançosa e alegre pelo que virá, deseja sua casa própria, a mudança da favela e a possibilidade de uma vida melhor para seus três filhos. Já no início de sua obra, Carolina Maria de Jesus começa a relatar sobre sua mudança para uma casa de alvenaria.

O senhor Antonio Soeiro Cabral foi quem disponibilizou um quarto na cidade de Osasco para que Carolina Maria de Jesus e seus filhos se mudassem para lá afim de dar uma vida mais confortável para eles, ela conta que “O senhor Antonio Soeiro Cabral ouviu e disse que tinha um quarto disponível na sua casa. Que eu podia ficar uns dias até arranjar coisa melhor.” (JESUS, 1961, p. 44) a partir deste momento a autora irá iniciar sua jornada rumo a um ambiente novo, disposta a mudar seu destino.

30 de agosto Levantei as 6 horas, preparando as roupas e fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz café e fui comprar pão. Pedi ao Chico para atender-me logo, porque eu ia mudar.

— Para onde?

— Vou residir em Osasco. (JESUS, 1961, p. 45)

Carolina Maria de Jesus estava empolgada e feliz, pois como ela mesma dizia “Era a realização de um sonho” (JESUS, 1961, p. 46). Ela então se muda, contudo, sua saída da favela é turbulenta, os jornais começaram a noticiar a mudança, inclusive o horário “... Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão.” (JESUS, 1961, p. 45), Carolina Maria de Jesus após o sucesso de seu livro virou alvo da mídia que constantemente monitorava seus passos o que gerou a ela muita confusão. Dessa maneira, todos já sabiam quando ela iria para a nova casa e onde seria o novo lar da escritora, e inclusive os repórteres cobriram a saída de Carolina Maria de Jesus. Os moradores da favela do Canindé se despediram de célebre autora de maneira violenta, ela relata que

A Leila surgiu andando com dificuldade. Veio para instigar os favelados. O motorista partiu com a maquina acelerada. Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a

direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. (JESUS, 1961, p. 47)

Mais um episódio difícil na vida da narradora-personagem, não se sabe ao certo o porquê de tal violência, provavelmente, o fato de Carolina Maria de Jesus ter publicado seu livro com o nome dos moradores da favela do Canindé tenha aberto brechas para o furor dos moradores.

Ela então chega à cidade de Osasco acompanhada dos repórteres que a todo tempo cercavam a autora com o intuito de conseguir certa exclusividade sobre a vida de Carolina Maria de Jesus: “Dois jornalistas subiram no caminhão para filmar a minha chegada na casa de Osasco.” (JESUS, 1961, p. 47). Contente com a transformação, Carolina Maria de Jesus seguia esperançosa, ela narra que “Um senhor que nos olhava perguntou: — Isso é despejo? — Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo. Sorri achando graça na coincidência. [...] Era preciso sair da favela.” (JESUS, 1961, P.47), sua satisfação é contada em diversos excertos de *Casa de Alvenaria*, ao chegar na cidade de Osasco ela narra que

.... Quando chegamos em Osasco eu paguei ao senhor Milton Bitencourt. 2.000 cruzeiros. Foi o dinheiro mais sagrado para mim, porque pagava o seu trabalho de ter retirado-me da favela. A televisão já estava aguardando. Os fotógrafos fotografou-me perto dos meus cacarecos que achei no lixo. Eu olhava os cacarecos e pensei nos 15 anos que vivi no lixo.” (JESUS, 1961, p. 47)

Carolina Maria de Jesus vai lidar a partir daquele momento com a sala de visitas que ela tanto queria pertencer, uma nova cidade, com novos vizinhos e uma diferente visão sobre pertencimento a um lugar, “Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visitas.” (JESUS, 1961, p. 48).

Ainda que aquela não fosse sua casa própria, Carolina Maria de Jesus sentia que aos poucos dava pequenos passos ao seu novo futuro, enquanto em *Quarto de despejo* ela se lamentava “Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.” (JESUS, 1995, p. 12), nesse instante vivia uma outra realidade. A fama da escritora foi aumentando, era reconhecida por onde passava, nas ruas de São Paulo, nos ônibus, em todo lugar já ouviram sobre a escritora da favela ”... Todos os olhares estavam fixos no meu rosto. [...] O senhor Osvaldo de Oliveira nos recebeu com cordialidades e dirigimos para a Câmara Municipal. Fui recebida pelos vereadores. Fiquei encantada com o luxo da Camara de Santos. Fui apresentada ao vice-prefeito, que recebeu-me com cordialidade.” (JESUS, 196, p. 49), “Eu era o alvo dos olhares por causa do meu livro” (JESUS, 1961, p. 61). Outrora ela declarava em *Quarto de despejo* “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 1995, p. 33). Percebemos a dualidade que Carolina

Maria de Jesus passou a viver de maneira rápida, há meses estava morando em um lugar desprivilegiado, sentia-se por vezes invisível, e agora era o centro dos olhares da sociedade brasileira.

Mesmo que o lançamento de seu livro e as mudanças fossem objetivos traçados por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* ao encontrar-se na sala de visitas ela relata episódios complicados, em alguns momentos sente-se farta do assédio, muitas pessoas por acharem que Carolina Maria de Jesus estava rica começaram a pedir a ela quantias exorbitantes de dinheiro, iam até a sua casa para fazer os pedidos e isso a deixava cansada, pois não tinha descanso em seu próprio lar “...Disse-lhe que quando recebo 100.000 cruzeiros recebo 200 mil de aborrecimentos. Estou angariando amigos e inimigos, porque não posso satisfazer certos pedidos impossíveis.” (JESUS, 1961, p. 65) e ainda, “Eu não habituei com este povo da sala de visita — uma sala que estou procurando um lugar para sentar.” (JESUS, 1961, p. 66), o caos instaurava-se sobre Carolina Maria de Jesus e seus filhos.

Assim como em *Quarto de despejo* quando a narradora-personagem declara que “Veio D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças.” (JESUS, 1995, p. 13) é apenas uma de muitas afirmações que autora faz sobre como seus filhos eram tratados na favela do Canindé, ela tinha uma grande preocupação com eles e achava que os vizinhos sempre implicavam com eles porque aquele era um lugar hostil, mas ao chegar à casa de alvenaria coisas semelhantes também acontecem:

“**30 de novembro** Levantei as 4 horas, preparando-nos para ir a Porto Alegre. Pedi para a Dona Maria cuidar da casa, lavar as roupas e olhar os meninos. Eles reinam muito e os vizinhos reclamam, aconselhando-me para interna-los.” (JESUS, 1961, p. 84). Carolina Maria de Jesus e seus filhos não foram bem recebidos naquele espaço, Farias (2018) alega que a presença deles incomodava os vizinhos e estes proibiam os seus filhos de brincarem com João José e José Carlos e ainda

Ficou constante os filhos reclamarem de maus tratos, agressão física, por coisas banais, por causa de correrias ou jogos de bola. O senhor Soeiro Cabral espancou certo dia João José, ele reclamou com a mãe. Os vizinhos crianças, em especial os meninos, não podiam brincar com os filhos de Carolina. Suas mães não deixavam que se misturassem com “gente favelada”. (FARIAS, 2018, p. 271)

Ao entrar em um lugar de privilégio Carolina Maria de Jesus não foi bem recebida justamente por suas características desprivilegiadas, uma visão preconceituosa e excludente que deixaria mais uma vez a autora fora de um lugar, já que ela não se sentia pertencente a favela, pois em *Quarto de despejo* ela dizia que “O dia que eu mudar da favela vou acender uma vela para São

Sebastião.” (JESUS, 1995, p. 75), mostrando claramente que aquele não era o ambiente que lhe cabia, contudo, a sala de visitas também não estava preparada para acolher Carolina Maria de Jesus.

Em vista disso, *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* se assemelham e se diferenciam em suas narrações, enquanto naquele conhecemos a vida difícil de Carolina Maria de Jesus e dos moradores da favela, em *Casa de Alvenaria* contemplamos a mudança da narradora-personagem que ao aproximar-se de seu propósito. Ela se vê perdida naquele espaço que culturalmente não lhe era permitido ser uma escritora e viver de sua arte. Todos esses acontecimentos contribuíram para sua formação de identidade que é atravessada por suas vivências na favela e em seguida na sala de visitas, dessa maneira, encontramos em *Casa de Alvenaria*, uma narradora-personagem por vezes confusa e abalada com tantos acontecimentos.

FIGURA 11 – Carolina Maria de Jesus instalada em sua casa de alvenaria



Fonte: Farias (2018)

3.3 CASA DE ALVENARIA E IDENTIDADE

Se a identidade é constituída a partir das relações de um sujeito com sociedade e nessa relação o sujeito é atingido por diferentes conexões como a classe social a que pertence, sua cor e seu gênero, podemos observar que em *Casa de Alvenaria* a identidade da narradora-personagem é formada por diferentes vínculos. Nessa obra, sua emersão social é o tópico central, a mulher negra, pobre e moradora da favela que antes constituía sua identidade a partir de uma relação que ainda não existia - o mundo letrado -, ela não fazia parte desse mundo porque não podia frequentar o ambiente acadêmico e isso era algo que ela gostaria, porém agora torna-se autora publicada, a fome não é algo constante em sua vida e ela alcança sua idealizada casa de alvenaria.

Essa mudança na vida de Carolina Maria de Jesus é repentina, e é possível constatar que ao chegar ao seu objetivo a narradora-personagem não consegue lidar bem com os empecilhos que a impediriam de progredir naquele momento. Carolina Maria de Jesus não obteve boa aceitação de seus livros por parte da crítica como já citado anteriormente, ao ter sua casa de alvenaria, seus vizinhos não a aceitaram como sujeito participante daquele grupo. Muitas aflições perseguiram Carolina Maria de Jesus, depois que seu livro foi lançado.

A autora acreditava que o ponto máximo de sua vida seria aquele: ter suas obras publicadas e com isso dar uma vida melhor aos seus filhos, todavia, ao deparar-se com uma realidade diferente, viu-se confusa com os novos rumos de sua vida. Agora a identidade de Carolina Maria de Jesus é formada com suas vivências nesse novo “lugar”, era rodeada por intelectuais, por pessoas pertencentes a uma classe social elevada, mas isso não foi suficiente para inclui-la como pertencente à sociedade hegemônica.

Para Carolina Maria de Jesus, deparar-se com tais obstáculos a fizeram escrever sobre essa sociedade a qual ela gostaria de pertencer, mas que, infelizmente, não era capaz de recebê-la. Ao observar tais fatos, Carolina Maria de Jesus constituiu uma identidade algumas vezes contraditória, pois em alguns momentos sentia-se feliz por ter saído da favela, e em outros momentos se mostra pesarosa por ter saído de lá e sua vida não ter mudado da forma que gostaria.

Alguns acontecimentos contribuíram para que Carolina Maria de Jesus se sentisse assim. Ter uma vida marcada por tantos entraves fizeram a autora sonhar com um futuro melhor, futuro esse que conseguiria por meio de sua arte: a literatura. Almejou muito esse acontecimento, dizia isso as pessoas com orgulho que iria escrever seu livro para sair da favela,

pensou que esse seria a resolução de seus problemas e que nunca mais teria que se preocupar se seus filhos teriam o que comer no dia seguinte ou o que vestir. Chegou em seu lugar idealizado, apesar disso, seus problemas não terminariam ali como havia imaginado.

Dessa forma, sua vida passou a ser exposta e virou alvo de especulação. No momento em que saíram as notícias de que seu livro *Quarto de despejo* seria lançado, a escritora vivia entre dois mundos, ao mesmo tempo que catava lixo nas ruas da cidade de São Paulo era reconhecida pelos transeuntes que já haviam visto as fotos da autora no jornal.

Ali dava-se início ao reconhecimento da identidade de Carolina Maria de Jesus como escritora, ela que, desde sempre, se via assim e lutava por esse reconhecimento, passou a colher os frutos de sua persistência. Lara e Lara (2017) em seus estudos sobre identidade amparados pela psicologia social, dissertam que nesse ponto de vista o sujeito é tido como um uma representação de um momento histórico, é reflexo do tempo, do lugar que vive e da família, de tudo aquilo que ela toma como importante para si será espelhado em sua identidade.

Dessa forma, a identidade de escritora de Carolina Maria de Jesus era uma marca evidente de todos os aspectos que a formavam como indivíduo. Ainda que um sistema hegemônico fosse absoluto e traçasse locais para que Carolina Maria de Jesus ocupasse, ela não se prendia a eles e acreditava que seu sonho de ser escritora se realizaria. Dessa maneira, a autora era a imagem dos livros que lia, dos teatros e rádios que por certo tempo frequentou, e, principalmente, dos primeiros anos de escola que a inseriram no ambiente letrado. Nesse sentido “[...] a identidade se constitui como metamorfose e dessa maneira atribui certa dinamicidade a esse conceito demonstrando que a pessoa não pode ser reduzida aos estereótipos que lhe são atribuídos.” (LARA E LARA, 2017, p. 3). A identidade de escritora de Carolina Maria de Jesus era bem afirmada pela própria Carolina que sem ajuda de outras pessoas já havia tentado entregar seus manuscritos a editoras e dizia com orgulho que seu diferencial era saber ler e escrever.

Destarte, essa concepção de identidade como metamorfose e transformação faz parte de quem a autora era, pois sua individualidade era marcada por diferentes setores de sua vida que a constituíam uma figura diferente daquele papel pré-estabelecido para pessoas que carregavam os mesmos atributos de Carolina Maria de Jesus.

Em *Casa de Alvenaria* ao relatar seu encontro com a sala de visitas, Carolina Maria de Jesus se vê marcada por mais uma interação com o outro. Outro este que ela queria conhecer e pertencer, se antes ela tinha pavor da favela e dos seus vizinhos, pois se referia a estes como “projetos de gente humana” (JESUS, 1995, p. 20), ao chegar noutra ambiente, agora com pessoas mais cultas e educadas ela diz que “Dá a impressão que eu sai do inferno e estou no

ceu.” (JESUS, 1961, p. 51). Assim, outras relações serão estabelecidas a partir de então e a narradora-personagem será confrontada se aquele era mesmo o lugar que ela deveria ocupar ou se mesmo seria aceita pelos demais indivíduos. O fato dela ter um livro lançado, ser conhecida por todo território brasileiro e ainda reconhecida internacionalmente seriam novos contrastes que a autora teria que aprender a encarar, uma alteração muito grande em sua vida que influenciaria até mesmo nos escritos de Carolina Maria de Jesus que em vários momentos de *Casa de Alvenaria* fala sobre sua falta de tempo para escrever, pois tinha que estar autografando livros ou viajando a todo instante

17 de setembro não tenho tempo para escrever o meu diário devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo com todo prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. (JESUS, 1961, p. 58)

E em outro momento declara: “Não tenho sossego para escrever.” (JESUS, 1961, p. 126), a identidade de escritora de Carolina Maria de Jesus a partir de sua “inserção” no ambiente letrado será abalada pelas experiências pelas quais passava, uma vez que aquele era um momento importante para ela, no entanto, não estava conseguindo exercer seu papel de autora, algo que ela mais amava.

Com os acontecimentos relacionados ao seu livro, Carolina Maria de Jesus tinha uma rotina exaustiva de compromissos, todos tinham curiosidade em saber e conhecer quem era a escritora da favela, alcunha que lhe deram na época, sendo assim, escritora favelada ou da favela, considerando que nomear é um ato de poder, que cria/inventa a pessoa e lhe atribui um lugar, esta é uma identidade da escritora Carolina Maria de Jesus, da perspectiva do outro, da recepção.

Ela participava de reuniões, homenagens e eventos, recebeu um diploma de membro honorário da Academia da Faculdade de Direito e neste evento ela narra em *Casa de Alvenaria* e relata um episódio de preconceito que sofreu dentro da universidade

O Audálio fez a apresentação. (...) os estudantes perguntaram os fatos da favela. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram porque é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma de Academia? Foi vaiado. Citaram-lhe que eles ali não admitia preconceito de côr. (JESUS, 1961, p. 55)

De fato, Carolina Maria de Jesus incomodava aqueles que queriam impor onde sujeitos subalternados deveriam estar, ela era o desconforto para quem gostaria de assegurar uma sociedade hegemônica. Nessa perspectiva, Lara e Lara (2017) ponderam que

Em nosso entendimento, fica evidente que, ao impor uma “linha correta” de conduta definida de forma heterônoma – do ponto de vista de outra pessoa, que impõe ao estigmatizado certas condições para que ele possa ser “aceito” socialmente, ocorre uma aceitação perversa que impõe ao indivíduo estigmatizado ocupar lugares previamente definidos pelos “normais”. Esses lugares, muitas vezes, possuem limites muito claros, ou seja, não são lugares onde possa existir a expressão livre da identidade da pessoa estigmatizada, mas apenas a representação de papéis preestabelecidos. (JUNIOR; LARA, 2017, p. 6).

Sendo assim, a identidade de Carolina Maria de Jesus já era historicamente e socialmente pré-estabelecida, no sentido que esperavam que uma mulher negra, semianalfabeta e de origem simples não atingisse um lugar de prestígio como é o lugar de quem se dedica à literatura.

Isso era para Carolina Maria de Jesus uma posição incomum, afirmando que: “Fiquei pensando na confusão de minha vida. Eu não tenho diploma de Grupo Escolar e tenho da Academia da Faculdade de Direito.” (JESUS, 1961, p. 56), com toda essa agitação a autora estava sempre a frente dos holofotes, sua vida era um conteúdo a ser explorado e divulgado pelos jornais da época.

Farias (2018) conta que “Para onde se dirigia, fosse simplesmente para uma viagem, fosse para acessar uma loja de roupas ou de calçados femininos, lá estava alguém para dizer “É a Carolina Maria de Jesus!”” (FARIAS, 2018, p. 263), isso passou a causar um certo estranhamento na autora que em sua identidade formada a partir de suas vivências de uma catadora de lixo sempre passava despercebida pelo outro como observamos no trecho “...Fomos almoçar. Que comida gostosa. Que carne deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que passam fome são meus filhos. Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmão afogando-se”. (JESUS, 1961, p. 86) e “...Se eu pudesse percorrer todos os Estados do Brasil! Eu estava alegre. Pensava: isto é um sonho! Outro dia estava em São Paulo percorrendo a Avenida Tiradentes, fustando as latas de lixo. Chorando com fome. E hoje ... estou entre os vultos de destaque no país.” (JESUS, 1961, p. 93)

Percebe-se que Carolina Maria de Jesus no decorrer da obra *Casa de Alvenaria* apresenta uma identidade contraditória, ao mesmo tempo que se sente feliz por sair da favela, acha que ainda de certa maneira pertence àquele lugar e ainda “A Radio transmitia a minha entrevista. O senhor Prefeito ouvia na radio portátil. Eramos 25 à mesa. Eu estava sentada ao lado do prefeito. Pensava: que diferença! Outro dia sentava nas Radio-Patrolhas e agora ao lado do Prefeito.” (JESUS, 1961, p. 86). A autora admirava-se com os novos rumos de sua vida, mas também declarava “Se eu soubesse que a minha vida ia ficar tão confusa assim eu continuava

na favela catando papel” (JESUS, 1961, p. 98), tanta informação dirigida de uma vez só a Carolina Maria de Jesus a deixou abalada, pensava que teria mais tranquilidade ao aprofundar-se naquele novo ambiente.

A identidade de Carolina Maria de Jesus era formada por suas particularidades que incluíam seu gênero, sua cor, classe social e os espaços que havia convivido. Ciampa (1984) aponta que a identidade é construída a partir das relações que estabelecemos ao longo da vida, portanto observamos que em *Casa de Alvenaria* a identidade da narradora-personagem é reflexo de suas relações com outros indivíduos que de maneira súbita passaram a fazer parte do ciclo da escritora.

Nesse seguimento, Da Silva (2019), em seu trabalho *Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial*, aponta que

As pessoas fazem parte de grupos sociais que compartilham histórias e memórias coletivas, estando, dessa forma, unidas por um passado comum, com a mesma língua, costumes, saberes etc. e tudo isto faz com que tais pessoas se identifiquem umas com as outras, formando, assim, esses grupos. (DA SILVA, 2019, p. 8)

À vista disso, Carolina Maria de Jesus passou a frequentar um grupo diferente daquele que por toda sua vida fez parte, mas, se nos reconhecemos a partir da interação com o outro, Carolina Maria de Jesus não encontrava semelhanças com aquele novo grupo, estava onde gostaria, mas não se sentia pertencente a ele, ao mesmo tempo que também não se identificava com os outros sujeitos da favela do Canindé.

Esse não reconhecimento por parte sua e também dos outros indivíduos foi intensificando-se ela narra que “**8 de dezembro** Hoje é feriado. Não vou sair de casa. Não estou escrevendo o *diário* com receio de citar as confusões do povo da sala de visitas. Eles são ambiciosos e comentam com uma dose de despeito: — A Carolina está rica.” (JESUS, 1961, p. 101). A autora percebia que não era aceita de maneira completa nesse lugar e isso foi a deixando descontente com aquela posição que ocupara.

Da Silva (2019) considera que “[...] no que se refere ao ser humano, compreendemos que cada pessoa, a partir dos contextos culturais em que vivem, elaboram visões e práticas culturais e sociais diferenciadas.” (DA SILVA, 2019, p.8). A identidade de Carolina Maria de Jesus é então constituída ainda a partir de seus vínculos com a favela, o que é inaceitável para quem fazia parte de grupos socialmente privilegiados, talvez por isso a inserção de autora e dos filhos foi de bastante embate midiático e pessoal, pois em *Casa de Alvenaria* ela relata como os vizinhos na cidade de Osasco não aceitavam ela e seus filhos naquele lugar. Farias (2018) pondera que

Logo os atritos com o dono do “quarto” de Osasco iriam aparecer [...]. Os meninos João José, mais velho, José Carlos, mais novo acostumados a viver em liberdade na favela, encontraram na nova casa o espaço ideal, longe da fome e da violência que diariamente eram alvos para brincar à vontade. (FARIAS, 2018, p. 270)

Aos poucos a empolgação com a figura de Carolina Maria de Jesus e seus filhos foi transformando-se em ódio e preconceito por parte daqueles moradores que achavam que a escritora e sua família não deveriam fazer parte daquela comunidade.

Doravante, a narradora-personagem decide comprar sua casa de alvenaria, começa então mais um capítulo emblemático da história de Carolina Maria de Jesus. Com a venda de seus livros, a autora sempre deixava uma quantia de dinheiro no banco a fim de juntar e realizar seu sonho. Com a ajuda de Audálio Dantas, no dia sete de dezembro, seguiram rumo ao bairro de Santana para que Carolina Maria pudesse ver a casa que Audalio teria conseguido para ela e diz que “... O repórter disse-me que está procurando uma casa para eu comprar para mim. Fiquei alegre interiormente e exteriormente. E sorri. O meu sonho concretizando. Eu vou ter uma casa de alvenaria com salas e outras dependências.” (JESUS, 1961, p. 100)

A princípio não gosta da casa e registra isso em seu diário “Não gostei do sobradinho porque a casa é geminada. Eu gosto de casa com duas entradas. O repórter gostou da casa, eu devo gostar também. Para uma favelada qualquer coisa serve. Embora eu seja uma favelada com os gostos do rei Salomão.” (JESUS, 1961, p. 100). Com um discurso depreciativo Audálio sugere que ela aceitasse aquela casa, pois era mais do que ela já teve toda sua vida, porém Carolina Maria de Jesus sabia o que queria. No entanto, acabou fechando negócio com a construtora e comprou a casa. Tal casa ainda estava sendo ocupada por moradores que prometeram sair no dia 20 de dezembro.

Para que Carolina Maria de Jesus ocupasse sua própria casa, alguns obstáculos tiveram que ser superados, a casa estava habitada e os moradores não queriam sair de lá, ela ia até a imobiliária atrás de informações e sempre diziam a ela que os inquilinos iriam sair. Carolina Maria de Jesus queria passar o natal com sua família na casa nova, cansada de tanto entrave, mudou-se com os moradores ainda lá e narra que “... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. Quando entrei o homem que estava confabulando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me de entrar na casa.” (JESUS, 1961, p. 113) nem mesmo quando podia usufruir das coisas que tanto lutou, Carolina Maria de Jesus as tinha de maneira calma e tranquila.

No dia 25 de dezembro Carolina Maria de Jesus narra que “levantei as 5 horas. Hoje eu estou triste. Acho a minha vida sem graça.” (JESUS, 1961, p. 113), ela compreendia que não poderia gozar dos direitos de sua casa própria, mais uma vez se via sem lugar: “27 de dezembro Levantei as 5 horas. Que suplicio ver os meus moveis espalhados. E eu que pensava e sonhava com uma casa de alvenaria, supondo que ia encontrar a tranquilidade.” (JESUS, 1961, p. 115).

No dia 11 de janeiro os inquilinos se mudam, após muita confusão onde Carolina Maria de Jesus se queixava com eles e com o dono da imobiliária, conseguiu que eles se mudassem e ela começa a viver com seus filhos na sua nova casa. Ao se mudar para Santana e ter a casa para si e sua família acreditava que o sossego que tanto procurava começaria a reinar naquele local, porém a escritora viveu dias difíceis na casa de alvenaria, isso porque junto com sua fama o assédio crescia muito.

Farias (2018) aponta que “A fama de riqueza de Carolina, sobretudo depois que mudou para casa de Santana, correu mundo. Sua vida era contada pelos meios de comunicação, onde o endereço de sua casa era *anunciado em letras garrafais* [grifo nosso].” (FARIAS, 2018, p. 277). Dessa maneira, observamos o quanto a mídia contribuiu para a construção de uma identidade contraditória em Carolina Maria de Jesus, qual seria o propósito de divulgar o endereço da casa da escritora? Não se sabe ao certo, parece-nos uma tentativa de perseguição e como se tomassem a autora como um objeto de acesso público. Tudo isso, obviamente, trouxe muitas dores de cabeça para Carolina Maria de Jesus, pois sua privacidade foi invadida, ela não podia ter momentos sozinha mais em sua casa, porque tinha sempre alguém a lhe procurar.

Em *Casa de Alvenaria* ela narra como estava sua vida após a mudança para a sala de visitas, “— Eu vi você nos jornais. — Tua vida melhorou? — Não melhorou. Não tenho sossego para escrever.” (JESUS, 1961, p. 126). Todos queriam algo de Carolina Maria de Jesus, achavam que por algum motivo ela tinha que ajudar, pediam-lhe quantias exorbitantes, isso a incomodava cada vez mais

O assédio a Carolina, saiu da simples admiração pelo seu feito como escritora de um livro/denúncia a pedidos de dinheiro, oportunismos de negócios fajutos e enganadores, bajuladores de ocasião, falsos amigos e pedintes de toda ordem, pretos e brancos, classes remediadas ou totalmente pobres. Todos os dias Carolina recebia alguém que lhe vinha contar uma história triste. Até mesmo os favelados, muitos vizinhos que não falavam com ela e maltratavam os seus filhos, apareceram. (FARIAS, 2018, p. 277)

A autora percebeu então que a liberdade que tanto procurava não era capaz de encontrar, talvez simplesmente por ser Carolina Maria de Jesus, a moradora da favela do Canindé que escreveu e vendeu muitos livros, angariou para si inimigos que a queriam deixar em lugar de

subalternidade e para isso atacavam seus escritos, seus filhos e até mesmo sua privacidade. No dia 22 de maio após ir em um programa de televisão e ganhar uma caneta de ouro ela ouviu:

- Olha a escritora que estava na televisão.
- Ela ganhou uma caneta de ouro.
- De ouro! — exclamavam os que ouvia — que sorte!
- Por que é que ela ganhou a caneta?
- Ela é escritora da favela.
- Ouvi uma gargalhada irônica:
- Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora na favela é porque não presta. (JESUS, 1961, p. 25)

As considerações sobre quem era Carolina Maria de Jesus decorriam de uma sociedade elitista. Assim, se algo bom não poderia vir de quem mora em uma favela, logo os escritos de Carolina Maria de Jesus não poderiam ser bem vistos e encarados como pertencente ao cânone brasileiro.

Vista apenas como um recurso financeiro, Carolina Maria de Jesus escreveu seus aborrecimentos quanto a essa procura exacerbada por seu dinheiro como se fosse um patrimônio público, “**21 de outubro** (...) estava ageitando a casa quando chegou o preto Roberto. Ele está desempregado. Dei 1.000 cruzeiros para o preto Roberto, porque ele queria suicidar-se” (JESUS, 1961, p.64), **24 de outubro** ...As 11 horas chegou o Rubens. [...] quer que eu lhe empreste 180.000) (JESUS, 1961, p.64), e ainda nesse sentido, Carolina Maria de Jesus declara que: “Estou angariando amigos e inimigos, porque não posso satisfazer certos pedidos impossíveis – há os o que querem casas, há os que querem caminhões. Percebo que todos desejam algo, mas eu não posso solucionar. Eu tenho que lutar pelos meus filhos.” (JESUS, 1961, p.66).

Durante toda a sua obra Carolina Maria de Jesus relata diversos pedidos absurdos, por ela ter sido uma mulher que saiu de um lugar simples e alcançou certo prestígio financeiro fazia com que as pessoas a tivessem como uma espécie de salvadora, porém ela precisava cuidar também de sua família. O aborrecimento era tamanho que dizia: “Quando eu não tinha dinheiro não tinha sossego com a fome a envolver-me no seu manto negro. Agora tenho dinheiro e não tenho sossego com os oportunistas, os piratas que querem aproveitar-se da minha situação.” (JESUS, 1961, p.102) e ainda “Comecei a ganhar dinheiro, surgiram os polvos com seus tentáculos,” (JESUS, 1961, p. 102).

Toda essa perseguição a escritora, claramente, trouxe consequências ruins a sua vida, embora o problema da fome fosse resolvido para ela, pois agora tinha dinheiro e poderia comprar comida, toda essa exposição de Carolina Maria de Jesus pela mídia começou a afetá-la. Tom Farias(2018) alega que ela não teve mais sossego depois que mudou-se para Santana e seus filhos também, pois eles eram agredidos e ofendidos de maneira constante, eram chamados

de “favelados” ou “Comedores de lixo”, esses acontecimentos levaram Carolina Maria de Jesus a declarar na imprensa que estava novamente miserável na tentativa de espantar os pedintes e ainda

Esta falta de sossego ou aborrecimento levava Carolina à exasperação, a ponto de ela ficar depressiva, mesmo depois de ter conquistado tudo aquilo que tanto havia sonhado na vida: a casa de alvenaria, conforto para os filhos, fartura de comida, roupas caras e bonitas, um pouco do luxo que chegou a almejar na vida. (FARIAS, 2018, p.308)

A escritora incomodou muito aqueles que a viam como pertencente a um lugar inferior e tentaram vender uma imagem da autora usando seus momentos de desespero para traçar uma identidade inconstante para ela. Nesse sentido, Farias aponta que

A ideia de que estava socialmente aceita era imediatamente posta de lado quando ela chegava na casa de Santana de alguma viagem, fosse dentro, fosse fora do país. Em casa, tinha noção de que sua projeção – e repercussão de sua imagem no exterior – pouco contava, ao tomar conhecimento dos maus tratos aos filhos e de que a vida burguesa não estava fazendo bem para eles. (FARIAS, 2018, p. 312)

Carolina Maria de Jesus vivia os extremos em sua vida, ora era adorada por uns por causa de seu livro, dava autógrafos e viajava, ora tinha que bater de frente com o preconceito e racismo que a perseguiu durante toda a sua vida. Percebeu que para ser incluída na sala de visitas sua identidade como escritora não era suficiente, pois carregava em si marcas que os anfitriões da sala de visitas não tinham.

Souza e Santos (2017) em seu artigo intitulado *O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida* ao abordarem sobre a identidade em uma visão da psicologia social crítica apontam que “O homem constitui sua identidade em um processo de construção histórica, em uma relação dialética com o mundo, na qual a identidade emerge como a síntese mediante os diversos personagens que os sujeitos assumem e os significados e sentidos a eles atrelados.” (SOUZA e SANTOS, 2017, p. 2). Dessa forma, a construção da identidade da narradora-personagem em *Casa de Alvenaria* é constituída a partir das relações de Carolina Maria de Jesus que está dentro de um sistema letrado, contudo, não é aceito por ele, que consegue sua tão sonhada casa, mas não tem seus momentos de paz nela, divulga seu livro, porém não consegue mais escrever e isso a incomoda.

Percebe-se em *Casa de Alvenaria* que a identidade de Carolina Maria de Jesus é marcada pelo assédio, pela tentativa de pertencimento e por sua exclusão a um mundo que ela queria tanto pertencer. Ela carregava consigo o que foi socialmente projetado como subalterno, era mulher, negra e pobre e tudo isso determinava mais os lugares que ela poderia ocupar dentro

desse sistema do que sua própria escrita e seu valor como uma escritora que revolucionou e foi porta de entrada para outros autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina Maria de Jesus é uma personalidade importante para a literatura brasileira. Ela representa muitos sujeitos que como ela trazem consigo características que foram socialmente e culturalmente marginalizadas é importante marcar a origem de sua marginalização: o racismo generificado sexista estrutural, e isso poderia a impedir por ser estrutural de adentrar a um lugar que ela tanto almejava – a escritura literária. As dificuldades que passou durante toda sua vida não a impediram de construir uma carreira artística, no entanto, a fizeram chegar nesse lugar tão sonhado muito marcada pelas privações que passou. Nesse sentido, Silva (2019) pondera que

Durante sua trajetória, Carolina Maria de Jesus buscou um lugar comum, básico, burguês, com sonhos considerados simples, como ter sua casa própria, criar seus filhos honestamente por meio do seu trabalho e da sua aptidão para escrever. Porém esse “local” lhe foi constantemente negado e ela acabou se situando em um não-lugar por não se subjugar ao que a sociedade procurou determinar a ela, desde pequena. (SILVA, 2019, p. 157)

Esse não-lugar é perceptível nas narrativas de seus diários que mostram essa transição da autora entre os extremos de sua vida, a favela e sua casa de alvenaria, seus cadernos sujos que retirava do lixo para escrever e em um outro momento seus livros que eram até mesmo traduzidos e vendidos em outros países, contudo, Carolina Maria de Jesus parecia não pertencer a nenhum desses lugares, não se encaixava quando morava na comunidade, e não foi socialmente aceita em sua casa de alvenaria, justamente por vir de local historicamente marginalizado.

Quarto de despejo e *Casa de Alvenaria* mostram ao leitor a identidade da narradora-personagem que é atravessada pelas suas relações sociais, por suas aspirações, pelos livros lidos e sua constante vontade de mudança. Em *Quarto de despejo*, a narradora deseja realizar seu sonho de ser escritora, que, no momento em que a obra é escrita, é algo muito distante, porém ela acredita com muita convicção que esse sonho irá se tornar realidade. Dessa forma, seu diário é o seu artifício para alcançar esse lugar, é um instrumento usado para se diferenciar dos moradores da favela. Assim, a obra expressa o desejo de uma vida digna para ela e seus filhos, cumprindo também o papel de realizar uma denúncia sobre como pessoas socialmente

marginalizadas eram vistas. Dessa forma, o diário é uma forma de expressão de sua própria vida e sofrimento trazendo traços identitários de escritora, é a identidade de escritora de Carolina Maria de Jesus surgindo para que pudesse transformar sua vida.

Dessa forma, em *Quarto de despejo*, a identidade é apresentada de forma complexa, visto que suas vivências e relações são manifestadas pela dualidade: Carolina moradora da favela, com pouca educação formal, desafortunada e, ao mesmo tempo, Carolina leitora assídua, não se sentia parte da favela e sonhava em ter uma vida financeiramente melhor. Dessa forma, a busca identitária da protagonista sofre um processo de metamorfose, como Ciampa aponta em seus estudos, é uma identidade formada a partir do desejo de transformação e isso é refletido nos escritos da autora. Na obra também podemos perceber a marca da identidade de mãe, mulher e escritora, são muitas Carolina apresentadas:

Carolina não é vista apenas como mulher, negra, catadora dos restos da cidade, representada como progressista ou mãe. Não comparece frente a outros com um único papel, mas como representante de si mesma, com todas as determinações que a compõem e a tornam um sujeito completo, ainda que contraditório e marcado por conflitos e tensões. (SANTOS, 2015, p. 65)

Sendo assim, *Quarto de despejo* é a representação dessa multiplicidade da identidade da narradora-personagem, que apresenta a si mesma e aos outros sujeitos com quem convivia, mostrando ao leitor uma busca constante para se sentir pertencendo a um lugar.

Casa de Alvenaria expressa o sonho conquistado e aparentemente concretizado da escritora. Carolina Maria de Jesus escreve *Casa de Alvenaria* narrando sua transição da favela para a cidade, da fome para o alimento no prato todos os dias, das roupas rasgadas para as incontáveis idas às lojas de roupas e sapatos, de uma catadora de papel para uma escritora reconhecida internacionalmente. É dentro dessa dualidade que a narrativa é desenvolvida e a autora encontra-se em momentos de êxtase por sua nova vida. Contudo, Carolina Maria de Jesus vai percebendo que aquele ambiente não estava interessado no legado de sua obra, na transformação que aquele livro poderia fazer na vida dos indivíduos. Devido aos conflitos que enfrenta, nesse momento a identidade de Carolina é perpassada por diferentes situações e sentimentos que a fazem, em alguns momentos, a querer até mesmo voltar para favela.

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus em suas obras relata suas vivências e em ambas percebemos que ela ainda não havia encontrado um lugar em que fosse totalmente acolhida e recebida, de modo que não pôde viver plenamente seu sonho de ser autora publicada porque era perseguida e criticada pela mídia. Ela também não podia viver tranquilamente em sua casa de alvenaria, pois era hostilizada por seus vizinhos que não a viam como uma pessoa digna de

viver naquele local, pois, para eles, seu lugar era na favela, além das frequentes importunações de pessoas que iam até lá para pedir ajuda financeira. Farias (2018) na biografia de Carolina Maria de Jesus observa que

Num momento ou em outro ela parece que surtava” — Eu fico alucinada com os pedidos”. De tanto ouvir que estava rica, de tanto ouvir a palavra dinheiro, massacrando a sua mente, foi à imprensa para dizer que não viajaria mais para a Argentina porque não tinha ‘dinheiro para a comida dos filhos’, e que depois que virou escritora a sua “vida estava um inferno”. (FARIAS, 2018, p.313)

Ainda assim, Carolina Maria de Jesus deixou em seus registros esperança para que outros pudessem adentrar e conquistar lugares interditos, como o espaço literário.

Neste trabalho, pudemos compreender a identidade de Carolina Maria de Jesus em suas obras: *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria*. Embasadas por estudos que visam pela compreensão da identidade, pudemos traçar a construção identitária de Carolina Maria de Jesus, que em ambas as obras se mostra múltipla, justamente pelos seus diferentes papéis desenvolvidos em suas relações sociais contraditórias. Isso fica claro em *Casa de Alvenaria*, pois ao atingir sua realização maior, percebeu que não pertencia também àquele lugar. Dessa forma, a narradora experimenta um misto de sentimentos identitários em sua jornada pela busca de um lugar de pertencimento.

A identidade, como Ciampa aponta, é constituída a partir da relação com outro. Assim, a narradora-personagem é reflexo dessas muitas interações, das dúvidas e contrastes entre o mundo a que Carolina Maria de Jesus queria pertencer e aquele que socialmente e historicamente delimitaram para ela:

Como intelectual, Carolina também buscou seu local próprio. No entanto, ela não estava entre as feministas, apesar de evitar o casamento, de aprender a dirigir, de viajar sozinha, e de muitas outras ações incomuns às mulheres da época. Ela não estava entre as mulheres escritoras que tiveram reconhecimento por seu viés literário (Carolina, mulher negra, pobre e pouco escolarizada, ficou conhecida na sua época apenas pelo diário publicado e não como poetisa ou como escritora de romances ou de outros gêneros literários). Ela não pertenceu ao grupo de negros pensadores, no movimento de reconhecimento e valorização da negritude. (SILVA, 2019, p. 158)

Por mais que não tenha pertencido a um grupo, com sua obra ela trouxe uma forma literária capaz de dinamizar as discussões desses grupos. Carolina Maria de Jesus é um marco na literatura brasileira, sua vida era e ainda é o retrato de muitos grupos que foram levados a um lugar de subalternidade. Sua escrita é usada para manifestar as dores e sofrimentos pelos quais ela e seus vizinhos passavam, como também um protesto para nos mostrar que apesar de toda

exposição e reconhecimento que teve durante a publicação de seu primeiro livro, Carolina Maria de Jesus ainda não era socialmente aceita. A trajetória da escritora deixa patente a ideia de que não basta sair da favela para a casa de alvenaria para sanar séculos de preconceito e exclusão. As obras de Carolina Maria de Jesus representam sua superação, resistência e fé na literatura como um lugar de transformação, talvez por isso ela insistia tanto em escrever e se sentia mal na casa de Alvenaria, porque já não tinha mais tanto tempo como gostaria para se dedicar à escrita. Escrever era para Carolina Maria de Jesus uma forma de pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus literário

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo**. São Paulo: Edição Popular, 1995.

JESUS, Maria Carolina. **Casa de Alvenaria**. Editora P. de Azevedo, 1961.

Obras de apoio teórico-crítico

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 20 abril. 2022. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>.

ARRUDA, Aline Alves. Dr. Silvio e sua inserção no projeto literário de Carolina Maria de Jesus. In: Seminário Internacional Mulher e Literatura, 7. 2015 Caxias do Sul, RS. **Anais... Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. P-77-83.** Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/anais-seminario-mulher-literatura2015_2.pdf Acesso em: 20 de jun.2019

ARA, Nadir; LARA, Andrea Paula Santos. Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. P. 271-289.

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. Editora Brasiliense, 1987.

DA CONCEIÇÃO SILVA, Eliane. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero. **Seculo XXI**, v. 9, n. 1, p. 21, 2019.

DA SILVA, Tomaz Tadeu; DA SILVEIRA, Lima Dayane Rita. A identidade cultural na pós-modernidade. **Trad. Tomaz Ta**, 2006.

DA SILVA, Glauber Paiva. Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial, 2019.

DA SILVA, Maria Nilza. **O negro no Brasil: Um problema de raça ou de classe?**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 5, n. 2, p. 99-124, 2000.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@ I: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, v. 2, p. 11-15, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. **Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural**, v. 1, n. 1, p. 76-86, 2015.

SILVA, Glauber Paiva da. **Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial**. 2019.

DOMINGOS, Karen Alves. MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro. **A Representação Da Mulher Negra E Favelada, Na Escrita Autobiográfica De Carolina Maria De Jesus**. Revista Sapiciência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, Goiás, v.10, n.1, p. 1-19, junho, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/11956-Texto%20do%20artigo-44461-1-10-20210707%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/11956-Texto%20do%20artigo-44461-1-10-20210707%20(1).pdf) Acesso em: 10 ago. 2021.

DOS SANTOS, Lara Gabriella Alves; BORGES, Valdeci Rezende. Quarto De Despejo: O Espaço na obra De Carolina De Jesus. In: Anais do SILEL. 2013, Uberlândia, MG. **Anais...** Uberlândia, MG: 2013. P-1-8. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1545.pdf> Acesso em 24 de novembro de 2021.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **IPOTESI—REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 13, n. 2, 2009.

DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 11-23, 2008.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. P. 237-258.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Formações nacionais de classe e raça1. **Tempo Social**, v. 28, p. 161-182, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, Lamparina, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LARA, Nadir; LARA, Andrea Paula Santos. Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro et al. **Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector: representações do feminino na literatura brasileira contemporânea**. 2017.

MACHADO, Marília Novais da Mata. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. **Psicologia & sociedade**, v. 18, n. 2, p. 105-110, 2006.

MOTA, Miriam Monaco. A identidade de uma mulher chamada Jesus. **Estação Literária**, v. 8, p. 6-14.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, jul./dez. 2011, n.2-Especial, p.31-39.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2021.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. In: DACASTAGNÉ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen (orgs.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017. P. 239-249

PAIVA, Vitor. Margaret Mead: uma antropóloga à frente do seu tempo e fundamental para os estudos de gênero atuais. **Hypeness**, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/09/margaret-mead-uma-antropologa-a-frente-do-seu-tempo-e-fundamental-para-os-estudos-de-genero-atuais/>. Acesso em 16 de julho. 2022.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. **As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro**. 2021.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos et al. **Carolina Maria de Jesus: Análise Identitária em Quarto de despejo-Diário de uma favelada**. 2015.

SILVA, Vanessa Maria Poteriko da. **A Trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**. 2019

SOUZA, José Alves de; SANTOS, Beatriz Oliveira. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, p. 65-79, 2019.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre-RS, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

WONSOSKI, Wanessa; DOMINGUES, Eliane. O conceito de identidade em Antonio da Costa Ciampa, Zygmunt Bauman e Stuart Hall. **24º ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 4º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR**, p. 1-4, 2015.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. **IX Seminário Internacional de História da Literatura**, p. 407-415, 2012.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista. **BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, v. 3, p. 217-242, 2009.